



IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL – IPB  
JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA – JET  
JUNTA REGIONAL DE EDUCAÇÃO TEOLOGICA – JURET/RECIFE  
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE – SPN  
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

ELSON RODRIGUES DE LIMA

**A DOUTRINA DO ARREPENDIMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA**

RECIFE – PE

2025

ELSON RODRIGUES DE LIMA

**A DOCTRINA DO ARREPENDIMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA**

Monografia apresentada ao Seminário Presbiteriano do Norte – SPN, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso livre de Bacharel em Teologia.

Orientador: Rev. Ms. Daniel Carneiro da Silva

RECIFE – PE

2025

ELSON RODRIGUES DE LIMA

**A DOCTRINA DO ARREPENDIMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA**

Monografia apresentada ao Seminário Presbiteriano do Norte – SPN, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso livre de Bacharel em Teologia.

Orientador: Rev. Ms. Daniel Carneiro da Silva

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Rev. Ms. Daniel Carneiro da Silva (Orientador)

Seminário Presbiteriano do Norte – SPN

---

Rev. Ms. Francisco Macena da Costa (Examinador Interno)

Seminário Presbiteriano do Norte - SPN

---

Rev. Danilo Santos Portela (Examinador Externo)

Presbitério de Olinda

*Ao redentor da minha alma, Jesus  
Cristo. À minha amada esposa,  
Samara, pela  
compreensão e  
carinho. A Elza, minha amada mãe, que  
partiu para estar com o Senhor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela salvação em Cristo Jesus, pelo privilégio de servi-lo e por ter sido chamado por Ele para o serviço no sagrado ministério. Agradeço porque até aqui, Ele tem me ajudado, dando-me forças, suprimindo todas as minhas necessidades e me capacitando cada dia para o serviço na Sua obra. Agradeço a Deus por se fazer presente em cada ano que eu passei dentro do seminário e ter me sustentado até aqui. Louvado e engrandecido seja o seu nome!

Sou profundamente grato a minha mãe, Elza (in memoriam), que foi a primeira pessoa no qual relatei meu desejo de ser missionário transcultural e recebi de pronto seu apoio, assim como, na entrada no seminário. Sou extremamente grato também a minha esposa, Samara, que foi minha maior incentivadora a entrar no seminário e graças ao seu apoio pude passar esses anos de curso de uma forma mais leve e tranquila. Obrigado por ser essa pessoa incrível, corajosa e atenciosa. Te amo demais! Agradeço a Deus também pela vida dos meus sogros, Fátima e Jadiel, pelo apoio recebido ao longo desses 4 anos de seminário.

Minha profunda gratidão a querida Segunda Igreja Presbiteriana de Maranguape II, que reconheceu minha vocação para o sagrado ministério e sempre tem orado pela minha vida, família e ministério. Sou grato também pelo apoio financeiro recebido pela igreja desde o início do seminário até o presente momento. Expresso também minha profunda gratidão ao Rev. Carlos Rodrigues, atual pastor titular, que demonstra um imenso apoio a meu ministério desde a sua chegada na igreja em 2024. Que Deus continue abençoando essa amada igreja!

Meus votos de agradecimento ao Presbitério de Olinda (PROL), pela confiança e o suporte que possibilitaram minha dedicação aos estudos e à preparação para o ministério. Agradeço imensamente por todo o suporte recebido, que foi fundamental para meu crescimento pessoal e ministerial. Que as bênçãos do Senhor sejam continuamente derramadas sobre as igrejas do PROL.

Minha gratidão também ao Seminário Presbiteriano do Norte, representado pelo Rev. Dr. José Roberto de Souza. Pelo acolhimento num momento extremamente difícil da minha vida, em que minha mãe faleceu e passei a residir no internato até o meu casamento. Meus sinceros agradecimentos a todos os professores e funcionários desta Casa de Profetas.

Expresso minha sincera gratidão ao meu orientador, o Rev. Ms. Daniel Carneiro da Silva, pelo seu apoio e prontidão na orientação deste trabalho. Meu muito obrigado! Que

Deus o abençoe grandemente!

Em especial, quero agradecer profundamente ao Rev. Dr. Stefano Alves, meu primeiro tutor eclesiástico, que acreditou na minha vocação ao sagrado ministério e deu todo o apoio que estava ao seu alcance. Sou grato a Deus pela sua vida, pelo privilégio de ter sido pastoreado pelo senhor e pela sua amizade. Que Deus continue abençoando a sua vida, família e ministério.

Agradeço a Igreja Presbiteriana de Olinda e ao Rev. Danilo Portela, meu atual tutor eclesiástico, a qual tenho a honra de servir em sua congregação no bairro de Bonsucesso, em Olinda. Obrigado pela confiança depositada em mim. Que Deus continue abençoando a esta amada igreja e ao seu querido pastor.

E por fim, sou imensamente grato a Deus pelos meus colegas de turma, no qual me sinto grandemente privilegiado por ter dividido esses quatro anos de seminário. Obrigado pelo apoio, amizade, risadas, brincadeiras, orações e tantas outras coisas que vocês me proporcionaram, deixando esse tempo no seminário mais leve. Que Deus abençoe a vida e o ministério de vocês!

*Logo, também aos gentios foi por Deus  
concedido o arrependimento para vida.  
Atos 11.18b.*

## **BASE CONFSSIONAL**

### **CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER**

#### **CAPÍTULO XV - DO ARREPENDIMENTO PARA A VIDA**

I. O arrependimento para a vida é uma graça evangélica, cuja doutrina deve ser tão pregada por todo o ministro do Evangelho como a da fé em Cristo.

At. 11.18; Luc. 24.47; Mar. 1.15; At. 20.21.

II. Movido pelo reconhecimento e sentimento, não só do perigo, mas também da impureza e odiosidade do pecado como contrários à santa natureza e justa lei de Deus; apreendendo a misericórdia divina manifestada em Cristo aos que são penitentes, o pecador pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos.

Ezeq. 18.30-31 e 34.31; Sal.51.4; Jer. 31.18-19; II Cor.7.11; Sal. 119.6, 59, 106; Mat. 21.28-29.

III. Ainda que não devemos confiar no arrependimento como sendo de algum modo uma satisfação pelo pecado ou em qualquer sentido a causa do perdão dele, o que é ato da livre graça de Deus em Cristo, contudo, ele é de tal modo necessário aos pecadores, que sem ele ninguém poderá esperar o perdão,

Ez. 36.31-32 e 16.63; Os. 14.2, 4; Rom. 3.24; Ef. 1.7; Luc. 13.3; At. 17.30,31.

IV. Como não há pecado tão pequeno que não mereça a condenação, assim também não há pecado tão grande que possa trazer a condenação sobre os que se arrependem verdadeiramente.

Rom. 6.23; Mat. 12.36; Isa. 55.7; Rom. 8:1; Isa. 1.18.

V. Os homens não devem se contentar com um arrependimento geral, mas é dever de todos procurar arrepender-se particularmente de cada um dos seus pecados.

Sal. 19.13; Luc. 19.8; I Tim. 1.13, 15.

VI. Como todo o homem é obrigado a fazer a Deus confissão particular das suas faltas, pedindo-lhe o perdão delas, fazendo o que, achará misericórdia, se deixar os seus pecados, assim também aquele que scandaliza a seu irmão ou a Igreja de Cristo, deve estar pronto, por uma confissão particular ou pública do seu pecado e do pesar que por ele sente, a declarar o seu arrependimento aos que estão ofendidos; isto feito, estes devem reconciliar-se com ele e recebê-lo em amor.

Sal. 32.5-6; Prov. 28.13; I João 1.9; Tiago 5: 16; Luc. 17.3-4; Josué 7.19; II Cor. 2.8.



## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo principal trazer luz para a importância da doutrina do arrependimento na questão da salvação do pecador, na perspectiva da teologia reformada e o que um entendimento equivocado sobre essa doutrina pode acarretar na vida daquele que diz ser um seguidor de Cristo. Para atingir esse objetivo, a pesquisa se debruça a examinar como o pensamento sobre o arrependimento foi se desenvolvendo e tomando diferentes direcionamentos em três períodos diferentes da história, destacando o pensamento teológico de personagens que se destacaram na vida da igreja. Além disso, ao longo do trabalho, busca-se mostrar a perspectiva bíblico-reformada da doutrina do arrependimento, fornecendo uma base sólida para a defesa desse preceito e demonstrando a sua relevância em diferentes aspectos que envolvem a salvação. Por fim, a pesquisa apresenta, com base na doutrina do arrependimento, práticas pastorais que reforçam o exercício do arrependimento ao longo da vida cristã como forma de nos distanciarmos do pecado e nos parecermos cada vez mais com Cristo.

**Palavras-chave:** Arrependimento; Pecado; Doutrina Reformada; Fé; Perdão; Salvação.

## **ABSTRACT**

The main objective of this work is to shed light on the importance of the doctrine of repentance in the matter of the sinner's salvation, from the perspective of Reformed theology, and what a mistaken understanding of this doctrine can entail in the life of those who claim to be followers of Christ. To achieve this objective, the research examines how thinking about repentance developed and took different directions in three different periods of history, highlighting the theological thinking of prominent figures in the life of the church. Furthermore, throughout the work, the work seeks to demonstrate the biblical-Reformed perspective of the doctrine of repentance, providing a solid foundation for defending this precept and demonstrating its relevance in various aspects involving salvation. Finally, the research presents, based on the doctrine of repentance, pastoral practices that reinforce the exercise of repentance throughout the Christian life as a way to distance ourselves from sin and increasingly resemble Christ.

**Keywords:** Repentance; Sin; Reformed Doctrine; Faith; Forgiveness; Salvatio

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA DOUTRINA DO ARREPENDIMENTO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Patrística .....</b>	<b>15</b>
2.1.1 Cipriano de Cartago .....	15
2.1.2 Agostinho de Hipona .....	17
<b>2.2 A Reforma Protestante .....</b>	<b>22</b>
2.2.1 Martinho Lutero .....	22
2.2.2 João Calvino .....	25
<b>2.3 Puritanos .....</b>	<b>29</b>
2.3.1 John Owen .....	29
2.3.2 Thomas Watson .....	32
<b>3. PERSPECTIVA BÍBLICO-REFORMADA DA DOUTRINA DO ARREPENDIMENTO .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Arrependimento e seu significado .....</b>	<b>33</b>
3.1.1 Estudo da palavra .....	33
3.1.2 O conceito de Arrependimento .....	34
3.1.3 A relação entre Arrependimento e Fé .....	36
3.1.4 A origem do Arrependimento .....	37
3.1.5 Os frutos do Arrependimento .....	38
<b>3.2 Arrependimento e sua importância .....</b>	<b>40</b>
3.2.1 Na Regeneração .....	41
3.2.2 Na Conversão .....	42
3.2.3 No Desenvolvimento da Fé .....	43
3.2.4 No Processo de Santificação .....	45
<b>4. PRÁTICAS PASTORAIS E A DOUTRINA DO ARREPENDIMENTO .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1 A Oração como Motivadora do Arrependimento .....</b>	<b>47</b>

<b>4.2 A Pregação como Instrumento para o Arrependimento .....</b>	<b>49</b>
<b>4.3 Os Sacramentos como Aparatos do Arrependimento .....</b>	<b>50</b>
4.3.1 O Batismo .....	51
4.3.2 A Santa Ceia .....	52
<b>4.4 O Aconselhamento Bíblico como Dispositivo para o Arrependimento .....</b>	<b>55</b>
<b>4.5 A Disciplina Eclesiástica como Conservadora do Arrependimento .....</b>	<b>57</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A igreja evangélica, em geral, no nosso país tem crescido ano após ano e segundo um estudo do demógrafo José Eustáquio Alves, professor aposentado da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, a população que se declara evangélica deve ultrapassar pela primeira vez o total de católicos no país a partir de 2032.<sup>1</sup> Inclusive, os dados do Censo 2022 em relação a religiosidade dos brasileiros foram divulgados esse ano e mostrou que houve um crescimento do número de evangélicos no nosso país. Saímos de 21,6% de evangélicos em 2010, ano do censo anterior ao de 2022, para 26,9% da população total do país, que significa dizer que 1 em cada 4 brasileiros agora é evangélico. Católicos ainda lideram em 4.881 cidades. Evangélicos já são maioria em 244 municípios.

Mas, será que esse crescimento de pessoas que se dizem evangélicas, de fato, refletem num crescimento tão grande assim de discípulos do Senhor Jesus Cristo? O evangelicalismo muitas vezes prega um evangelho “frouxo”, vamos dizer assim, no sentido de frequentemente nos depararmos com pessoas que se dizem cristãs, mas que não tiveram suas vidas transformadas, de fato, pelo evangelho, e que acabamos não conseguindo diferenciá-la de uma pessoa que não é cristã. Segundo Sinclair Ferguson, de maneira sutil, o moderno “convite para vir à frente” se tornou o equivalente evangélico da ordenança de arrependimento. O arrependimento tem sido divorciado da regeneração genuína, e a santificação tem sido separada da justificação.

Isto acontece porque os líderes dessas igrejas escondem a parte confrontadora do evangelho em relação aos nossos pecados e o arrependimento por eles deixa de ser algo relevante para o seguir a Cristo, pois, as pessoas simplesmente desconhecem a importância do arrependimento para a nossa salvação, porque não há salvação, se continuamos no pecado. O próprio Jesus enfatiza isto: “Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lc 13.5).<sup>2</sup>

Diante dessas constatações surgem algumas perguntas para serem respondidas: Qual a relevância do Arrependimento na questão da salvação do homem? Por que o Arrependimento tem sido deixado de lado por algumas comunidades ditas cristãs? O que a

---

<sup>1</sup> ZYLBERKAN, Mariana. Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032. Veja, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032>. Acesso em: 12 ago. 2025.

<sup>2</sup> BÍBLIA. Lucas 13:5. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

falta de conhecimento ou a relegação do arrependimento pode gerar como consequência a Igreja de Cristo?

Para ajudar a responder estas perguntas, este trabalho examinou a doutrina do arrependimento dentro da perspectiva da teologia reformada. Na Confissão de Fé de Westminster datada de 1646, o capítulo XV (Do arrependimento para a vida) é totalmente dedicado a reflexão sobre essa doutrina que mostra como o arrependimento é parte importante na dinâmica da salvação do pecador e como a partir dele damos as costas para o pecado e nos voltamos para Deus.

O objetivo geral deste trabalho é mostrar como o arrependimento é necessário aos pecadores como requisito para que ele alcance a salvação e o perdão de Deus e como isso se reflete na perspectiva reformada. Para isso, os objetivos específicos são: num primeiro momento, fazer uma análise histórica do pensamento sobre o arrependimento ao longo do tempo, partindo do período da patrística com Cipriano de Cartago até Thomas Watson no século XVII; em segundo lugar, analisar a doutrina do arrependimento dentro da perspectiva bíblico-reformada; e, em terceiro lugar, discorrer sobre como o arrependimento pode ser associado a práticas pastorais que ajudam no desenvolvimento da vida espiritual cristã.

O propósito desse trabalho é oferecer uma visão geral que possa servir como ponto de partida para estudos mais aprofundados. Para alcançar esse objetivo será utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica, em que, a coleta do material se dará através da revisão bibliográfica com a inserção do problema proposto dentro do quadro de referência teórica a partir de obras publicadas, impressas ou online, com reconhecimento no meio acadêmico. Esses recursos foram selecionados com o intuito de fundamentar o tema proposto, fornecendo uma base sólida para a compreensão inicial da doutrina do arrependimento na perspectiva reformada.

## 2. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA DOCTRINA DO ARREPENDIMENTO

### 2.1 Patrística

Nos primórdios da igreja cristã, os responsáveis por conduzi-la na ortodoxia ficaram conhecidos como Pais da Igreja. Essa expressão se refere ao escritor, pastor ou teólogo da antiguidade cristã considerado pela tradição como testemunho autorizado de fé. Eram homens ouvidos e respeitados por toda a cristandade como pais. Havia três qualificações para alguém ser considerado Pai da Igreja: ortodoxia doutrinária, santidade de vida e antiguidade.<sup>3</sup>

#### 2.1.1 Cipriano de Cartago (210 – 258)

Cipriano de Cartago (Thascius Cecilius Ciprianus) nasceu no Norte da África no século III, em Cartago, antiga colônia fenícia dominada pelo Império Romano. Descendente de família rica e pagã. Quando jovem, ele foi enviado para seguir o caminho tradicional dos estudos, assim, tornando-se posteriormente retórico advogado.<sup>4</sup>

Em sua juventude, levava uma vida mundana, envolvendo-se em amores passageiros. Contudo, casou-se e pouco depois converteu-se ao cristianismo, sendo batizado em Cartago pelo bispo Cecílio. Diz-se que sua conversão foi tão radical que ele renunciou os escritos profanos e proibiu a si mesmo a leitura de autores pagãos. Cipriano dedicava-se inteiramente a leitura da Bíblia Sagrada e os escritos do apologista cristão Tertuliano. Inclusive, Campenhausen vai dizer que mais tarde, seu secretário relatou que não havia sequer um dia em que Cipriano deixasse de ler o seu “Tertuliano”; simplesmente chamava-o de ‘o mestre’.<sup>5</sup> Após dois anos de sua conversão, sendo ainda neófito, foi escolhido para o cargo de sacerdote a grau de episcopado (bispo).

Apesar disso, sua atividade pastoral foi interrompida logo cedo pela perseguição do Imperador Décio. Sentiu-se obrigado a refugiar-se em uma cidade vizinha de Cartago e continuou por breve espaço de tempo a assistir a igreja. O bispo, por causa de sua fé, foi

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Franklin. A Igreja Cristã na História: Das Origens aos Dias Atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 33.

<sup>4</sup> SÂMARA, Rafael. Quem foi Cipriano de Cartago? Ultimato, 2017. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/quem-foi-cipriano-de-cartago/Miss%E3o>. Acesso em: 08 ago. 2025.

<sup>5</sup> CAMPENHAUSEN, Hans von. Os Pais da Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 205.

denunciado, preso e processado no ano 258. Em seguida, foi martirizado através da sua decapitação no dia 14 de setembro na cidade de Cartago.<sup>6</sup>

Na sua obra *De Lapsis*, que vem do latim e pode ser traduzido como *Os Lapsos* ou *Os Caídos*. Basicamente, ela vai tratar sobre os cristãos que, tendo cedido ao medo e às pressões exercidas pelo Imperador Décio – possíveis ou efetivas –, não permaneceram firmes na fé e, todavia, buscaram logo voltar à vida na comunidade em que sua fé e a graça circulam como bem comum de salvação. Neste escrito é possível encontrar o que Cipriano pensava sobre a questão do arrependimento.

Ele começa dizendo que os lapsos não devem ser readmitidos a comunhão, ou seja, a participação no sacramento da Ceia do Senhor sem se arrependerem e passarem por uma penitência. Ao participarem da Ceia do Senhor indignamente, Cipriano vai dizer o seguinte:

Tendo desdenhado e desprezado isso tudo, é feita violência ao corpo e sangue do Senhor, e eles pecam contra o Senhor com as mãos e a boca, mais agora do que quando renegaram o Senhor. Antes de ter expiado os pecados, antes de ter feito a confissão do crime, antes de ter purificado a consciência com o sacrifício e pelas mãos do sacerdote, antes de ter aplacado a ofensa ao Senhor indignado e ameaçante, acham que é paz esta que alguns vendem com palavras falazes: essa não é paz, mas guerra; não se agrega à Igreja aquele que se separa do evangelho. Por que chamam a ofensa de benefício? Por que aqueles que devem chorar continuamente e suplicar ao seu Senhor mediante o arrependimento da penitência fingem comungar?<sup>7</sup>

Cipriano vai dizer ainda que essa atitude de permitir que os lapsos participem da comunhão sem terem se arrependido e passado pela penitência não traz paz aquela pessoa, mas a tira, nem oferece a comunhão, mas impede a salvação. Isso só serve para que a necessidade de arrependimento perca força e a dor silencie para que a memória do pecado esvaeça, para que se reprima o gemido do coração e cesse o choro dos olhos, nem se suplique com longa e plena penitência o Senhor gravemente ofendido.<sup>8</sup>

Cipriano se mostra contrário aqueles que, por pressa, acham que podem conceder o perdão dos pecados ou anular os preceitos do Senhor. Ele diz que mesmo os mártires que preferiram enfrentar a perseguição do imperador Décio comessem a interceder por aqueles que preferiram fugir da perseguição para que eles fossem perdoados, mesmo sem se arrependerem, Cipriano vai dizer que:

As coisas devem ser feitas pelo sacerdote de Deus, se são justas, se são lícitas, se não são contra o próprio Deus, se há o consenso fácil e favorável de quem é obediente, se há a moderação religiosa de quem pede. Os mártires mandam que algo seja feito, mas, se aquilo que eles mandam não está escrito na lei do Senhor, antes devemos saber se

<sup>6</sup> SÂMARA, Rafael. Quem foi Cipriano de Cartago? Ultimato, 2017. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/quem-foi-cipriano-de-cartago/Miss%E3o>. Acesso em: 08 ago. 2025.

<sup>7</sup> CIPRIANO, São. Obras Completas I. São Paulo: Paulus, 1997, p. 59.

<sup>8</sup> Idem, p. 59.



eles impetraram de Deus aquilo que pedem, e aí fazer o que mandam; e não aparece imediatamente se foi concedido pela majestade divina aquilo que foi prometido pela promessa humana.<sup>9</sup>

Cipriano também faz uma reflexão interessante sobre aqueles que pensam que por não terem admitido o seu pecado publicamente escapam da pena do pecado. Segundo ele, pecam ainda mais. Além disso, Deus não pode ser ludibriado, nem pode ser iludido por alguma astúcia enganosa.<sup>10</sup> Ele ainda vai dizer como deve ser expresso o verdadeiro arrependimento:

Cada um, peço-vos, irmãos, confesse o seu pecado enquanto quem pecou ainda está nesta vida, enquanto a sua confissão pode ser recebida, enquanto a penitência e a remissão pelas mãos dos sacerdotes é grata junto a Deus. Convertamo-nos ao Senhor com toda a mente e, exprimindo o arrependimento do pecado com palavras verdadeiras, imploremos a misericórdia de Deus. A ele a alma se prosterne, a Ele a tristeza dê satisfação, a ele a esperança se incline. Ele próprio nos diz como devemos rogar: “Retornai a mim com todo o vosso coração e ao mesmo tempo com jejum e choro, e pranto, e rasgai vossos corações, não vossas vestes”. Voltemos ao Senhor com todo o coração: aplaquemos a sua ira e a ofensa [que cometemos], como ele próprio recomenda, com jejuns, choros e prantos. Por que não choras acrememente, não gemes continuamente, não te escondes pela vergonha do pecado ou pela continuidade do lamento? Estas são as feridas piores que o pecado, estas as culpas maiores: ter pecado e não ter expiado, ter errado e não chorar as culpas.<sup>11</sup>

Cipriano traz a ideia também de que a nossa demonstração de arrependimento deve ser proporcional ao tamanho do nosso pecado, por isso, não podemos exigir de imediato o perdão de Deus, mas devemos passar por um processo de penitência que seja adequado ao tamanho do nosso pecado, porque, segundo ele, o arrependimento não deve ser menor que o pecado. Em sua obra ele dá uma descrição do que deve ser feito para que demonstremos na prática o nosso arrependimento:

É necessário orar e suplicar mais intensamente, transcorrer o dia em luto, passar as noites em vigílias e prantos, ocupar todo o tempo em lamentações lacrimosas, estender-se pelo solo e espargir-se de cinza, envolver-se com o cilício e as vestes de luto, não querer um vestido depois de ter perdido a indumentária de Cristo, preferir o jejum depois de ter tomado o alimento do diabo, dedicar-se às boas obras com as quais os pecados são purgados, persistir frequentemente nas esmolas com as quais as almas são liberadas da morte.<sup>12</sup>

### 2.1.2 Agostinho de Hipona (354 – 430)

Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho foi um gênio – o único Pai da Igreja que

<sup>9</sup> CIPRIANO, São. Obras Completas I. São Paulo: Paulus, 1997, p. 61.

<sup>10</sup> Idem, p. 66.

<sup>11</sup> Idem, p. 67.

<sup>12</sup> Idem, p. 70.

pode receber, sem qualquer questionamento, esse pretensioso título, segundo a moderna categorização da personalidade.<sup>13</sup> Agostinho veio da classe média, talvez de uma classe média mais baixa ou mesmo de um ambiente provinciano. Ele nasceu no dia 13 de novembro de 354, em Tagaste, uma pequena cidade que tinha um pouco da cultura romana, porém, as tradições berberes ainda eram muito fortes. Aparentemente, sua juventude parece ter sido vulgarmente comum e o que ele e sua família realmente mais desejavam era um avanço rápido em direção à riqueza e à boa reputação.<sup>14</sup>

Agostinho foi capaz de, rapidamente, alcançar uma auto-segurança retórica e de, sem demora, chegar a ser um mestre. Aos dezenove anos, Agostinho tornou-se professor de retórica em sua cidade natal, e no ano seguinte na capital, Cartago; os seus próprios avanços continuaram durante a década seguinte.<sup>15</sup> Na sua infância, Agostinho já teve contato com o cristianismo vivo por meio de sua mãe Mônica. Segundo Campenhausen:

Mônica, essencialmente, não foi mais que a esposa de um burguês típico, ela mesma o produto de uma cidade rural, intelectualmente alerta, porém deprovida de uma educação refinada; era uma pessoa gentil e de um alto senso de praticidade, ao mesmo tempo cheia de energia e determinação femininas sempre que desejava seguir seu instinto materno e sua convicção religiosa.<sup>16</sup>

Houve um período na vida de Agostinho em que ele se juntou a uma seita bastante difundida em sua época, não só entre a elite intelectual de Cartago, mas em toda parte, tornando-se um maniqueísta. A comunidade dos “maniqueus”, fundada pelo persa Mani no século III, foi a última grande criação religiosa do Oriente no período entre o cristianismo e o islamismo. Essa seita rejeitava o judaísmo e o Antigo Testamento, porém aceitava a Cristo entre seus precursores.<sup>17</sup> De acordo com Campenhausen:

Segundo a mitologia do “maniqueísmo” o mundo presente era considerado como sendo o resultado da queda original e de uma combinação fatal de luz e trevas. As almas dos homens eram somente centelhas dispersas da única substância divina de luz e necessitavam ser socorridas e salvas das trevas da prisão de seu estado corpóreo. A reunião dessas centelhas de luz e a subsequente condução à sua origem era entendida como a verdadeira redenção do homem e como a obra do próprio Deus. Uma total separação, tentada através de métodos mais fantásticos, irá finalmente causar o fim do mundo e a consumação de tudo que é luz dentro da unidade da luz.<sup>18</sup>

Essa fase maniqueísta de Agostinho é relatada por ele próprio em seu livro *Confissões*, onde ele diz:

Ainda então me parecia que não éramos nós que pecávamos, mas não sei que estranha

<sup>13</sup> CAMPENHAUSEN, Hans von. *Os Pais da Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 329.

<sup>14</sup> Idem, p. 329.

<sup>15</sup> Idem, p. 330.

<sup>16</sup> Idem, p. 331.

<sup>17</sup> Idem, p. 333.

<sup>18</sup> Idem, p. 333.

natureza que pecava em nós; por isso minha soberba se deleitava em me ter como isento de culpa, e portanto de todo desobrigado a confessar meu pecado, quando agia mal, para que pudesses curar minha alma que te ofendia. Antes, gostava de me desculpar, acusando a não sei que ser estranho que estava em mim, mas que não era eu. Na verdade, eu era tudo aquilo, embora minha impiedade me tivesse dividido contra mim mesmo. E o mais incurável de meu pecado era justamente o não me considerar pecador, preferindo, minha execrável iniquidade, que fosses vencido em mim, para minha perdição, ó Deus onipotente, a que vencesse minha alma para minha salvação.<sup>19</sup>

Dessa forma, vemos que a crença no maniqueísmo era a forma perfeita para que Agostinho mantivesse sua vida pecaminosa por conta da separação que eles faziam entre vida espiritual e material, onde o espírito é essencialmente bom e a matéria essencialmente má. A fé no maniqueísmo fez com que Agostinho pensasse da seguinte maneira:

Daqui se gerou também minha crença de que o mal tivesse substância, também corpórea, massa negra e disforme, ora espessa – a que chamavam terra – ora tênue e sutil, como o ar, a qual julgava ser um espírito maligno que investia sobre a terra. E visto que minha piedade, por pouca que fosse me obrigava a pensar que um Deus bom não podia criar nenhuma natureza má, eu imaginava duas substâncias antagônicas, ambas infinitas, a do mal um pouco menor, a do bem um pouco maior; e deste princípio pestilencial originavam-se as demais blasfêmias. Com efeito, quando meu espírito se esforçava por voltar à fé católica, era rechaçado porque minha idéia de fé católica não era correta. E me parecia ser mais piedoso, ó Deus, a quem louvam em mim tuas misericórdias, julgar-te infinito por todas as partes, com exceção de um aspecto, a substância do mal, onde era forçoso reconhecer teus limites, do que julgar-te limitado por todas as partes pelas formas do corpo humano. Também tinha como melhor admitir que não havias criado nenhum mal – o qual aparecia à minha ignorância não só como substância, mas como substância corpórea, por eu não poder conceber o espírito senão como corpo sutil difundido pelos espaços – do que crer que a natureza do mal, tal como a imaginava, procedesse de ti. Também supunha que nosso Salvador, teu Filho Unigênito, houvesse surgido, para nos salvar, dessa substância luzidíssima de teu corpo. A seu respeito, nada aceitava senão o que me sugeria minha louca imaginação. E por isso julgava que tal natureza não podia nascer da Virgem Maria sem se ajuntar com a carne, mas não via como poderia juntar-se à carne sem se corromper; por isso tinha medo de acreditar em sua encarnação, para não me ver obrigado a julgá-lo corrompido pela carne.<sup>20</sup>

Entretanto, numa viagem a Milão, a igreja e a cristandade, que Agostinho pensava conhecer desde quando era criança, revelaram-se a ele de uma nova maneira que o surpreendeu, impressionou e, finalmente, o obrigou a tomar uma decisão. A pessoa do grande Ambrósio, nesse caso, foi decisivo nessa decisão. O próprio Agostinho nos fala o quanto desejava conhecer o famoso pregador como retórico, e como participava dos seus sermões exclusivamente por essa razão. Campenhausen afirma que:

O conteúdo dessas pregações logo o deixou fascinado e o fez perceber, com muita surpresa, como os aparentes “absurdos” das fábulas “das velhas esposas” da Bíblia podiam ser entendidos, em seu sentido mais profundo, através das interpretações alegóricas, e que uma poderosa e abrangente noção de Deus, do mundo e do homem tornava-se visível por meio das afirmações antropomórficas e das ideias

<sup>19</sup> AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 1997, p. 43.

<sup>20</sup> Idem, p. 43, 44.

aparentemente primitivas dos textos.<sup>21</sup>

Um dia, Agostinho estava chorando debaixo de uma figueira e, de repente, ouviu a voz de um menino ou de uma menina vindo da casa vizinha, cantando repetidamente as mesmas palavras, “pegue e leia, pegue e leia!” (*tolle, lege; tolle, lege*). Ele, então, decide considerar essas palavras como um desafio do próprio Deus. Agostinho recorre a Bíblia, a cópia das cartas paulinas deixadas com o seu amigo Alípio. Ele então lê aleatoriamente um trecho da epístola aos Romanos (13.13): “... não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências”. Agostinho para de ler e, sem dizer uma única palavra, devolve o livro a Alípio; ele humildemente referiu-se a si mesmo lembrando-se de um texto bíblico que afirma que deve-se tolerar aquele que é fraco na fé. Agostinho, dessa vez, estava pronto a seguir o novo caminho cristão sob a liderança de seu amigo. Depois de seis meses retornam a Milão onde, juntamente com Adeodato, seu filho, Agostinho foi batizado por Ambrósio na véspera da Páscoa do ano 387.

De acordo com Campenhausen, o significado da conversão de Agostinho se refere a sua conversão do mundanismo para um novo caminho cristão de vida.<sup>22</sup> Ele renunciou ao casamento e aos prazeres, ao dinheiro, à glória e a admiração dos homens. O rompimento de sua promissora carreira, ao lado da tranquilidade em relação a sua vida anterior, foi a prova essencial dessa mudança. Frequentemente nesses casos e nessa época, o batismo representava o selo de uma decisão já tomada, e exteriormente marcava o início da nova vida em Cristo. Uma prova da importância do batismo nessa época é o que Agostinho fala no seu Manual sobre a fé, a esperança e a caridade:

Mesmo todo aquele que recebeu o batismo \_\_ que é destinado a apagar, através de sua virtude regeneradora, o pecado original e todos os pecados atuais cometidos anteriormente ao batismo, através de pensamentos, palavras ou ações \_\_ mesmo todo aquele, eu digo, que tenha recebido esse benefício incomparável, que é o princípio de uma vida nova e a expiação de toda falta pessoal ou herdada, não conseguiria viver, no entanto, após ter atingido a idade da razão, sem a graça da remissão dos pecados, por mais fecunda que seja sua conduta nos atos de justiça.<sup>23</sup>

Sobre o perdão de pecados, Agostinho cria que o homem deveria se arrepender deles de forma sincera diante de Deus, mas pelo arrependimento ser algo interior e que só é visível a Deus, a igreja recebeu de Deus através do Espírito Santo, o poder de perdoar pecados,

<sup>21</sup> CAMPENHAUSEN, Hans von. Os Pais da Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 336.

<sup>22</sup> Idem, p. 342.

<sup>23</sup> AGOSTINHO, Santo. Manual sobre a fé, a esperança e a caridade. Traduzido por: E. L. de Souza Campos. Niterói: Teodoro Editor, 2018, p. 83.

através da instituição da penitência sobre aquele que deseja o perdão dos seus pecados.

Agostinho diz o seguinte:

A santa Igreja tem o poder de perdoar os grandes crimes? Sim, sem dúvida e não é preciso se desesperar pela misericórdia divina, se a penitência for proporcional ao pecado. Diante de um crime tão grave que mereça a excomunhão, a penitência deve ser medida menos pela duração do que pela própria intensidade do arrependimento, pois, “um coração contrito e humilhado Deus não despreza”.

No entanto, sendo a arrependimento algo interior e que, comumente, não se revela exteriormente através de palavras ou outros sinais, de maneira que ele só é visível para Aquele aos quais os gemidos não estão ocultos, os líderes de nossas igrejas sabiamente determinaram a duração da penitência para dar plena satisfação à própria Igreja, no seio da qual são remidos os pecados. Este é um poder divino que, fora dela, não existe, pois ela exclusivamente recebeu este dom do Espírito Santo, que é o único capaz de conceder a remissão dos pecados, o penhor da vida eterna.<sup>24</sup>

Uma reflexão interessante também feita por Agostinho é que o simples fato de realizarmos boas obras não apaga a culpa pelos nossos pecados, é preciso mudarmos o nosso comportamento, ou seja, demonstrarmos um verdadeiro arrependimento. Nas palavras dele, ele diz o seguinte:

Que não se imagine, no entanto, que as boas obras apagam os crimes que interditam o acesso ao céu, na medida em que se continua a cometê-los. É preciso primeiro mudar o comportamento. Encontramos nas boas obras um meio de atrair a misericórdia de Deus com relação às faltas passadas e não para comprá-la para sempre e adquirir o privilégio de pecar impunemente. Deus, a ninguém deu licença para pecar. Ele tem piedade de nossas faltas passadas e só as perdoa quando lhe oferecemos uma justa satisfação.<sup>25</sup>

Santo Agostinho também faz uma relação entre o recebimento do perdão de Deus e a obediência do trecho da oração do Pai Nosso que diz que devemos perdoar aqueles que nos tem ofendido para também recebermos o perdão de Deus. Ele diz que esta oração serve tanto para apagar as faltas leves de cada dia, quanto as mais graves de uma vida passada no crime, se os crentes renunciam às suas desordens e retornam a virtude por via da penitência. Se queremos ser perdoados por Deus, precisamos perdoar primeiro a quem nos tem ofendido.<sup>26</sup> Agostinho diz que “se as preces e o arrependimento do culpado não conseguem nos tocar, não acreditamos que o Senhor perdoe nossos pecados.”<sup>27</sup> Ou seja, nós estamos apenas nos enganando, porque ao pensar dessa forma não conhecemos a Cristo verdadeiramente, porque estamos sendo desobedientes a Ele e não estamos seguindo o seu exemplo.

<sup>24</sup> AGOSTINHO, Santo. Manual sobre a fê, a esperança e a caridade. Traduzido por: E. L. de Souza Campos. Niterói: Teodoro Editor, 2018, p. 84-85.

<sup>25</sup> Idem, p. 92.

<sup>26</sup> Idem, p. 93.

<sup>27</sup> Idem, p. 96.

Agostinho também vai dizer que a penitência é uma graça de Deus porque, segundo ele, somos fracos, pois, preferimos muitas vezes, para não nos sentirmos desconfortáveis, preferimos a estima do mundo às humilhações da penitência que a justiça nos impõe. Ele conclui seu raciocínio dizendo que por esse motivo, precisamos da misericórdia de Deus, não somente ao fazer a penitência, mas também para nos propormos a cumpri-la. Ele conclui afirmando que se não fosse dessa maneira, o apóstolo Paulo não teria dito sobre certos incrédulos em II Timóteo 2.25: “Que Deus lhes conceda o arrependimento e o conhecimento da verdade.”<sup>28</sup>

## 2.2 A Reforma Protestante

A Reforma protestante iniciada no século XVI e liderada por homens como Martinho Lutero (1483–1546), Huldreich Zwínglio (1484–1531), Martin Bucer (1491–1551) e João Calvino (1509–1564) teve um significativo e profundo impacto na história da igreja cristã. Quando Lutero afixou suas noventa e cinco teses na porta da Catedral de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517, véspera do Dia de Todos os Santos se levantou um debate agudo sobre as indulgências, o poder do Papa e a natureza da graça. Nichols vai afirmar sobre as noventa e cinco teses que:

Nelas ele declarava que a Igreja podia perdoar somente o que ela exigia, isto é, sentenças quanto à disciplina e que as indulgências eram nulas para efeito de remover a culpa ou afetar a situação das almas no purgatório, e que o cristão arrependido tinha o seu perdão vindo diretamente de Deus, sem a intervenção de indulgências. Não obstante Lutero não perceber plenamente, as teses foram um golpe no coração do poder dessa igreja, pois elas negavam o pretense poder da igreja de ser a mediadora entre o homem e Deus e de conferir perdão aos pecadores.<sup>29</sup>

### 2.2.1 Martinho Lutero (1483 – 1546)

Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, na Saxônia, descendente de uma família de camponeses. Aos 18 anos, ele ingressou na mais famosa universidade alemã, a de Erfurt, com o propósito, como era o desejo do pai, de estudar Direito. Mas, para grande desapontamento do pai e dos amigos, tornou-se monge, entrando para o Convento dos Agostinhos em Erfurt.<sup>30</sup>

Logo na primeira das suas 95 teses, Lutero já deixa bem claro sua visão sobre como

<sup>28</sup> AGOSTINHO, Santo. Manual sobre a fê, a esperança e a caridade. Traduzido por: E. L. de Souza Campos. Niterói: Teodoro Editor, 2018, p. 109.

<sup>29</sup> NICHOLS, Robert Hastings. História da Igreja Cristã. 12. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 159.

<sup>30</sup> Idem, p. 158

o cristão deve levar uma vida caracterizada pelo arrependimento contínuo dos pecados, quando ele afirma: 1. Ao dizer: "Fazei penitência", etc. [Mt 4.17], nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda vida dos fiéis fosse penitência.<sup>31</sup> Em que, esse trecho "Fazei penitência" poderia ser traduzido também por "arrependei-vos".

Na sexta tese, Lutero acaba atacando também a autoridade do papa de perdoar pecados, quando ele afirma: "6. O papa não pode remitir culpa alguma senão declarando e confirmando que ela foi perdoada por Deus, ou, sem dúvida, remetindo-a nos casos reservados para si; se estes forem desprezados, a culpa permanecerá por inteiro."<sup>32</sup>

Na tese 36, Lutero também vai contestar o poder das indulgências de perdoar pecados, porque, segundo ele, o cristão alcança o perdão dos seus pecados através do verdadeiro arrependimento. Ele faz a seguinte afirmação: "36. Qualquer cristão verdadeiramente arrependido tem direito a remissão plena de pena e culpa, mesmo sem carta de indulgência."<sup>33</sup> Na tese 49, mais uma vez, ataca o poder das indulgências, quando ele diz: "49. Deve-se ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são úteis se não depositam sua confiança nelas, porém extremamente prejudiciais se perdem o temor de Deus por causa delas."<sup>34</sup>

Lutero escreveu em 1519 *Um Sermão sobre o Sacramento da Penitência*, Warth vai fazer o seguinte comentário sobre esse sermão:

Fez uma afirmação positiva da penitência genuína, isto é, do verdadeiro arrependimento com o perdão assegurado pela promessa de Deus pela fé que confia nesta promessa da palavra do Evangelho. A certeza não depende do sacerdote; na falta dele, qualquer cristão humilde pode garantir o mesmo perdão dos pecados através da promessa de Deus. Lutero busca três coisas básicas também neste sermão: 1) a palavra de Deus da promessa de absolvição; 2) a fé que confia nesta absolvição; 3) a paz, a graça, o perdão que seguem fé. Lembra-nos que a melhor "satisfação" consiste não em orações prescritas, mas em não pecar mais e em fazer o bem ao próximo.<sup>35</sup>

Neste sermão, Lutero considera que há dois tipos de perdão no Sacramento da Penitência: perdão da pena e perdão da culpa. Ele traz a seguinte consideração sobre isso:

Entre os dois tipos de perdão há a seguinte diferença: a indulgência ou o perdão da pena livra de obras impostas e do esforço da satisfação e reconcilia o ser humano com a Igreja cristã exteriormente. O perdão da culpa ou a indulgência celestial, porém, tira o temor e a pusilanimidade do coração em relação a Deus, torna a consciência leve e alegre interiormente e reconcilia o ser humano com Deus. E é isto o que significa própria e verdadeiramente perdoar os pecados, de modo que eles não mais atormentem e inquietem a pessoa, mas que ela obtenha uma alegre confiança de que lhe são

<sup>31</sup> WEBER, Bertholdo et al. Martinho Lutero, Obras Seleccionadas 1517 - 1519. Rio Grande do Sul: Sinodal, 1987, p. 22.

<sup>32</sup> Idem, p. 23.

<sup>33</sup> Idem, p. 25.

<sup>34</sup> Idem, p. 26.

<sup>35</sup> Idem, p. 403.

perdoados por Deus para sempre e em eternidade.<sup>36</sup>

São três os elementos que compõem o sacramento da Penitência na Igreja Católica Romana, o primeiro deles é a absolvição, em que são as palavras do sacerdote que afirmam que estamos libertos e tivemos os nossos pecados perdoados diante de Deus, em conformidade com as palavras do Senhor Jesus a Pedro e por força delas. O segundo elemento é a graça, o perdão dos pecados, a paz e o consolo da consciência, pois ouvindo as palavras do sacerdote externamente, significam os bens espirituais internamente, com que o coração obtém consolo e paz. O terceiro elemento é a fé, onde aqueles que creem que a absolvição e as palavras do sacerdote são verdadeiras recebem o perdão dos seus pecados.<sup>37</sup> Sobre esse terceiro elemento, Lutero destaca-o como o mais importante:

Tudo depende da fé: somente ela faz com que os sacramentos efetuem o que significam e que tudo que o sacerdote diz se torne verdade, pois conforme crês, assim te sucede. Sem essa fé, toda absolvição e todos os sacramentos são em vão, e até prejudicam mais do que aproveitam. Existe uma afirmação comum entre os mestres que diz: "Não é o sacramento que remove o pecado, mas a fé que crê no sacramento." Sto. Agostinho diz: "O sacramento tira o pecado não porque acontece, mas porque se crê nele." Por esta razão, no sacramento deve-se considerar a fé com toda a diligência. É a ela que queremos expor mais amplamente.

Disso resulta, em primeiro lugar, que o perdão da culpa e a indulgência celestial a ninguém são dados por causa da dignidade de sua contrição pelos pecados ou por causa das obras de satisfação, mas unicamente por causa da fé na promessa de Deus: "O que desligares será desligado", etc. Embora não devamos negligenciar a contrição e as boas obras, de maneira alguma devemos edificar sobre elas, e sim unicamente sobre as palavras certas de Cristo, que te promete que, quando o sacerdote te absolve, estarás absolvido. Tua contrição e tuas obras podem te enganar, e o diabo vai, muito em breve, derrubá-las na morte e na tribulação. Porém Cristo, teu Deus, não te mentirá nem claudicará, e o diabo não lhe derrubará suas palavras. Se edificares sobre isso com fé firme, estarás sobre a rocha, contra a qual as portas e todo o poder do inferno não prevalecerão.

Segue-se ainda que o perdão da culpa também não está fundamentado no ofício ou no poder do papa, do bispo, do sacerdote ou de qualquer ser humano na terra, mas unicamente na palavra de Cristo e em tua própria fé. Pois ele não quis basear nosso consolo, nossa salvação, nossa confiança em palavras ou ações humanas, mas somente nele mesmo, em suas palavras e ações. Os sacerdotes, bispos, papas são apenas servidores que te apresentam a palavra de Cristo, na qual deves apostar e na qual deves te basear com fé firme, como numa rocha firme. Então a Palavra te sustentará e teus pecados terão de ser perdoados. É por isso que a Palavra não deve ser honrada por causa dos sacerdotes, dos bispos e do papa. Os sacerdotes, os bispos e o papa devem ser honrados por causa da Palavra, na qualidade de pessoas que te trazem a palavra e mensagem do teu Deus de que estás livre de pecados.<sup>38</sup>

O pensamento de Lutero em relação ao Batismo é um pouco diferente do de Agostinho em relação ao perdão dos pecados. Lembremos que para Agostinho e para os cristãos daquela época de um modo geral, o Batismo era algo tão essencial para o perdão dos

<sup>36</sup> WEBER, Bertholdo et al. Martinho Lutero, Obras Seleccionadas 1517 - 1519. Rio Grande do Sul: Sinodal, 1987, p. 403-404.

<sup>37</sup> Idem, p. 405.

<sup>38</sup> Idem, p. 405.



pecados que a pessoa só deveria se batizar no fim da vida, pois, devido ao pouco tempo de vida não teria tanta chance de pecar contra Deus. Já Lutero, tinha esse mesmo pensamento de que o Batismo perdoa os pecados, mas ele cria que os pecados eram perdoados por causa do arrependimento e da fé na graça de Deus em perdoá-los. Sobre isso, Lutero vai dizer o seguinte:

Devemos, no entanto, precaver-nos para que não se introduza alguma falsa segurança que diga consigo mesma: "Já que o Batismo contém graça e é uma coisa tão grandiosa, pois Deus não nos imputará nossos pecados, e, assim que nos arrependermos do pecado, tudo estará em ordem por força do Batismo, por enquanto vou viver e fazer minha própria vontade. Mais tarde ou na hora da morte me lembrarei de meu Batismo." Sim, certamente o Batismo é uma coisa tão grandiosa que, quando te arrependes dos pecados e invocas o pacto do Batismo, teus pecados são perdoados. Mas, ao pecares tão petulante e deliberadamente, confiante na graça, toma cuidado que o juízo não te pegue e se antecipe ao teu arrependimento, e que, mesmo que então queiras crer ou confiar no Batismo, por uma determinação de Deus a tua tribulação se torne tão grande que tua fé não consiga subsistir. Se mesmo os que não pecam ou os que caem por mera fraqueza dificilmente permanecem, onde ficará a tua petulância, que tentou e zombou da graça? Andemos, portanto, em temor, para que possamos conservar as riquezas da graça de Deus com firme fé e agradeçamos por sua misericórdia com alegria e para sempre. Amém.<sup>39</sup>

### 2.2.2 João Calvino (1509 – 1564)

João Calvino (1509-1564) nasceu 26 anos depois de Lutero, foi um Reformador da segunda geração. Como o Reformador mais importante fora da Alemanha (alguns diriam o maior dentre os Reformadores), a obra e personalidade de Calvino o colocam no grupo “eleito” de figuras proeminentes da Igreja, sobre os quais há pouco ou nenhum juízo apartidário.<sup>40</sup>

Calvino era francês, nascido na cidade Noyon, na Picardia. Seu pai era um rico advogado com ligação com a nobreza e o alto clero da sua terra. Quando, onde e como Calvino se tornou protestante não se sabe ao certo. A mudança foi resultado das influências dos novos estudos e dos ensinamentos de Lutero, e surgiu repentinamente, acompanhada de uma grande renovação de sua vida espiritual, declarando-se protestante em 1533.<sup>41</sup>

Nas suas Intitutas, Calvino vai tratar sobre a questão do arrependimento na vida do cristão. Uma das relações que ele vai fazer é que o arrependimento nasce da fé, quando ele diz:

Entretanto, deve estar fora de controvérsia que o arrependimento não apenas segue de contínuo a fé, mas inclusive nasce dela. Ora, uma vez que pela pregação do evangelho é oferecido perdão e remissão para que o pecador, liberado da tirania de Satanás, do

<sup>39</sup> WEBER, Bertholdo et al. Martinho Lutero, Obras Seleccionadas 1517 - 1519. Rio Grande do Sul: Sinodal, 1987, p. 403.

<sup>40</sup> LINDBERG, Carter. História da Reforma. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 281-282.

<sup>41</sup> NICHOLS, Robert Hastings. História da Igreja Cristã. 12. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 174.

jugo do pecado e da mísera servidão dos vícios, seja transportado ao reino de Deus, por certo que ninguém pode abraçar a graça do evangelho a não ser que se afaste dos erros da vida e tome a via reta, e aplique todo seu esforço à prática do arrependimento.<sup>42</sup>

Calvino também vai falar sobre, segundo o entendimento dele, as duas faces do arrependimento: a contrição e a vivificação. Ele faz as seguintes considerações:

Pois, quando alguém é levado ao verdadeiro conhecimento do pecado, então começa realmente a odiar e a execrar o pecado, então de coração sente aversão por si mesmo, confessa-se miserável e perdido e deseja ser outro. Além disso, quando se sente tocado por algum senso do juízo de Deus (ora, um decorre diretamente do outro), então realmente se prostra abatido e consternado, treme humilhado e acabrunhado, perde o ânimo, desespera-se. Esta é a primeira parte do arrependimento, a qual geralmente designaram de contrição.

Interpretam a vivificação *como sendo* a consolação que nasce da fé, a saber, quando o homem, prostrado pela consciência do pecado e abatido pelo temor de Deus, a seguir mira a bondade de Deus. Sua misericórdia, graça e salvação, que é através de *Cristo*, o faz reerguer-se, reanimar-se, recobrar alento, e sente como que passado da morte para a vida.<sup>43</sup>

Calvino fala também sobre dois tipos de arrependimento, o arrependimento legal e o evangélico. Sobre eles, ele vai dizer o seguinte:

Outros, vendo *que* este vocábulo é empregado na Escritura com variada acepção, determinaram duas formas de arrependimento, às quais, para que as distinguíssem com algum traço, a uma chamaram *arrependimento legal*, pelo qual o pecador, ferido pelo cautério do pecado e triturado pelo terror da ira de Deus, sente-se como que enredado nesta inquietação, nem dela consegue desvencilhar; à outra chamaram *arrependimento evangélico*, pelo qual o pecador, na verdade, gravemente aflito em si, entretanto se ergue mais alto e recebe a Cristo como o remédio de sua ferida, o consolo de seu terror, o porto de refúgio de sua miséria.<sup>44</sup>

A palavra *arrependimento* foi, para os hebreus, derivado da *palavra que significa expressamente conversão ou retorno*; para os gregos, *ele veio do vocábulo que quer dizer mudança da mente e de desígnio*. Calvino então vai afirmar que o arrependimento é uma volta para Deus, com uma mudança real de alma e de coração. Segundo ele, quando o chamamos a volta da vida para Deus, requeremos uma transformação não apenas nas obras exteriores, mas inclusive na própria alma, a qual, quando é despojada de sua velha natureza, então, afinal, em si produz os frutos de obras que correspondam à sua renovação.<sup>45</sup>

João Calvino vai dizer também que o temor de Deus é o princípio do arrependimento. Sobre essa questão, ele diz o seguinte:

que embora a vida do homem seja repleta de todas as classes de virtudes, a não ser

<sup>42</sup> CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã: volume 3. Edição clássica (latim). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. PDF digital. Disponível em: [arquivo pessoal]. Acesso em: 24 maio 2025. p. 70.

<sup>43</sup> Idem, p. 72.

<sup>44</sup> Idem, p. 72-73.

<sup>45</sup> Idem., p. 74.

que *ela* se volva para o culto de Deus, poderá, sem dúvida, ser louvada pelo mundo, mas será pura abominação no céu, uma vez que a parte capital da justiça é render a Deus seu direito e honra, dos quais *ele* é impiamente fraudado quando não temos o propósito de nos sujeitar a seu governo.<sup>46</sup>

Calvino, baseado no texto de 2 Coríntios 7.11, enumera frutos do arrependimento verdadeiro, são eles:

Portanto, diz ele que nossa **solicitude** provém “da tristeza que é segundo Deus” [2Co 7.10]. Ora, quem é tangido de profundo senso de insatisfação pessoal em razão de haver pecado contra seu Deus, ao mesmo tempo é estimulado à diligência e atenção, para que possa desvencilhar-se completamente dos laços do Diabo, e melhor se cuide contra suas ciladas, para que, depois, não arrede da direção do Santo Espírito, para que não seja calcado de falaciosa segurança.

A próxima é a **escusa**, que nesta passagem não significa defesa pela qual o pecador, para esquivar-se ao juízo de Deus, ou nega haver transgredido, ou atenua a culpa, mas purgação, que foi polarizada mais na súplica de perdão do que na confiança de sua causa. Tal como os filhos não réprobos, enquanto reconhecem e confessam suas faltas, todavia, recorrem à súplica por perdão, e para alcançá-lo protesta de todos os modos possíveis dizendo que não honrou ao pai com a reverência que devia; em suma, se escusa, não para declarar-se justo e inocente, mas apenas para conseguir o perdão.

Segue-se a **indignação**, pela qual o pecador vocifera interiormente consigo mesmo, irando-se e questionando consigo mesmo, enquanto reconhece sua perversidade e sua ingratidão para com Deus. Pelo termo **temor** Paulo entende aquela inquietude que se nos incute à mente sempre que refletimos não apenas o que realmente merecemos, mas também quão horrível é a severidade da ira divina contra os pecadores. Pois então somos necessariamente sacudidos de extraordinária inquietação, que tanto nos adentra à humildade quanto nos torna mais cautos para o futuro. Ora, se a solicitude de que havia falado antes nasce do temor, vemos de que vínculo estes dois elementos se ligam entre si.

Parece-me que ele usou **anelo** para *exprimir* a diligência no *desempenho* do dever e a prontidão de obedecer a que nos deve desafiar sobremaneira o reconhecimento de nossos delitos. A isso pertence também o **zelo**, que anexa imediatamente, pois *o* entende *como* o ardor de que somos inflamados quando estes aguilhões nos são aplicados: “O que *eu* fiz?” “Onde me teria precipitado, se não buscasse para mim abrigo na misericórdia de Deus?”

A última é a **vindicação**: pois, quanto mais severos somos para conosco *mesmos* e de mais aguda crítica procedemos ao exame de nossos pecados, tanto mais devemos esperar que Deus seja mais propício e misericordioso. E de fato *isso* não pode acontecer senão quando a alma, abalada pelo horror do juízo divino, assume o papel do vingador, requerendo para si o castigo. Na verdade, os piedosos sabem por experiência o que é a vergonha, a confusão, a dor e o descontentamento consigo mesmos, e os demais sentimentos que nascem do sério reconhecimento dos pecados<sup>47</sup>

O reformador trata também sobre a pregação do arrependimento em nome de Cristo e a remissão dos pecados através dele fazendo a seguinte afirmação:

Prega-se o arrependimento em nome de Cristo, quando, através do ensino do evangelho, os homens ouvem que todos os seus pensamentos, seus sentimentos, seus esforços são corruptos e viciosos, em vista do quê se faz necessário que nasçam de novo, se querem entrar no reino de Deus. Prega-se a remissão dos pecados quando os homens são ensinados que Cristo se fez para eles redenção, justiça, salvação e vida [1Co 1.30], em cujo nome são tidos, graciosamente, por justos e inocentes à vista de

<sup>46</sup> CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã: volume 3. Edição clássica (latim). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. PDF digital. Disponível em: [arquivo pessoal]. Acesso em: 24 maio 2025. p. 76.

<sup>47</sup> Idem, p. 84-85.

Deus. Já que uma e outra dessas duas graças é apreendida pela fé, como foi demonstrado em outro lugar, visto que a bondade de Deus é o próprio objeto da fé, pela qual são remitidos os pecados, fez-se necessário distingui-la diligentemente do arrependimento.<sup>48</sup>

João Calvino vai refletir também sobre a importância de não somente confessar nossos pecados a Deus, mas também uma confissão voluntária aos homens, fazendo o seguinte comentário:

Portanto, a essa confissão secreta que se faz a Deus segue a confissão voluntária em relação aos homens, sempre que isso importa ou à glória divina ou à nossa humilhação. Por esta razão estabeleceu o Senhor outrora entre o povo de Israel que, recitando primeiramente as palavras ao sacerdote, o povo confessasse abertamente, no santuário, suas iniquidades [Lc 16.21]. Pois, na verdade, *ele* antevia que essa ajuda lhes era necessária, para que cada um fosse melhor levado a uma justa estimativa pessoal. E é justo que, mediante a confissão de nossa miséria, façamos refulgir entre nós e diante de todo o mundo a bondade e a misericórdia de nosso Deus.<sup>49</sup>

Calvino trata também sobre uma modalidade de confissão de pecados na qual ele denomina de confissão geral de pecados. Ele faz a seguinte reflexão sobre ela:

Esta modalidade de confissão, contudo, convém que seja não só regular na Igreja, mas ainda que seja usada de modo especial, então extraordinariamente, quando houver acontecido que o povo venha a tornar-se culpado por alguma transgressão *em* comum. Exemplo desta segunda modalidade *de confissão* temo-lo naquela solene confissão *pública* que todo o povo apresenta sob os auspícios e direção de Esdras e Neemias [Ne 1.7; 9.1, 2]. Ora, uma vez que a punição da defecção comum de todos fora aquele longo exílio, a destruição da cidade e do templo, o desmantelamento da religião, não podiam reconhecer o benefício da libertação, como era justo, a não ser que antes se confessassem culpados.<sup>50</sup>

João Calvino segue tratando a confissão pessoal de pecados em função de mútuo aconselhamento e edificação fazendo o seguinte comentário:

Ademais, a Escritura sanciona duas modalidades de confissão particular: uma que se faz em função de nosso próprio interesse, à qual se reporta esta passagem de Tiago [5.16], de que “confessemos os pecados uns aos outros”, pois entende que, revelando nossas fraquezas uns aos outros, nos ajudamos com mútuo conselho e consolação; a outra, que se deve fazer em favor do próximo a fim de aplacá-lo e reconciliá-lo conosco, caso tenha sido ofendido em alguma coisa por nossa falta.<sup>51</sup>

Outra modalidade de confissão pessoal de pecados tratada por Calvino é aquela feita a quem tenhamos ofendido ou contra quem tenhamos pecado. Ele diz o seguinte sobre isso:

Da outra modalidade de confissão particular, porém, Cristo fala em Mateus [5.23, 24]: “Se trouxeres tua oferta ao altar e aí te lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali tua oferta e volta, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e então, voltando, apresenta tua oferta.” Pois assim se impõe restaurar o amor que porventura foi quebrantado por nossa falta: reconhecendo a falta que cometemos e implorando

<sup>48</sup> CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã: volume 3. Edição clássica (latim). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. PDF digital. Disponível em: [arquivo pessoal]. Acesso em: 24 maio 2025. p. 89-90.

<sup>49</sup> Idem, p. 108.

<sup>50</sup> Idem, p. 108.

<sup>51</sup> Idem, p. 109.

para ela o perdão.

Sob esta modalidade se compreende a confissão daqueles que pecaram ofendendo a Igreja inteira. Ora, se Cristo considera ser de tanta gravidade a ofensa particular de um homem, que barre dos ritos sacros a todos quantos porventura tenham cometido alguma falta contra irmãos, até que tenham retornado ao favor em virtude da justa satisfação, quanto maior é a razão para que aquele que ofendeu a Igreja com algum mau exemplo a reconcilie consigo mediante o reconhecimento da culpa? Por isso, como aquele coríntio se mostrasse obediente à correção, ele foi readmitido de volta à comunhão da Igreja [2Co 2.6, 7].<sup>52</sup>

## 2.3 Os Puritanos

Os puritanos foram um movimento religioso cristão, ocorrido nos séculos XVI e XVII, tendo como inspiração o ministério de William Tyndale na Inglaterra (1494-1536). O objetivo principal deles era complementar o que a reforma protestante não tinha conseguido. Eles receberam este apelido de puritanos em 1568, por causa do seu desejo de "purificar" a Igreja da Inglaterra de práticas que eles consideravam ainda muito ligadas ao catolicismo romano, mesmo após a Reforma.

Por isso, eles tinham os seguintes objetivos: reformar o culto anglicano, restabelecer os valores do Reino na área política, doméstica e social desejando que os ingleses pudessem viver a fé de modo reto. Acreditavam, também, que seria através da pregação e do ensino do evangelho que tal coisa aconteceria.<sup>53</sup>

Dentre os indivíduos que marcaram esse movimento destacam-se John Owen (1616-1683) sendo considerado o príncipe dos teólogos puritanos e um teólogo erudito e talentoso tanto na doutrina quanto na teologia prática. E temos também o Thomas Watson (1620–1686), reconhecido por sua profunda espiritualidade, suas observações cativantes, suas ilustrações práticas e sua beleza de expressão que o tornam um dos mais eminentes e irresistíveis puritanos.<sup>54</sup>

### 2.3.1 John Owen (1616–1683)

Nascido em 1616 em Stadhampton, entrou para o Queen's College, em Oxford, aos 12 anos de idade obtendo o grau de Bacharel em Letras em 1632 e mestrado em 1635 aos 19 anos de idade. Em 1637 tornou-se pastor. Na década de 1640 foi capelão de Oliver Cromwell

<sup>52</sup> CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã: volume 3. Edição clássica (latim). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. PDF digital. Disponível em: [arquivo pessoal]. Acesso em: 24 maio 2025. p. 110.

<sup>53</sup> LOPES, Jônatas Rafael. Quem foram os puritanos? Voltemos ao Evangelho, 2021. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2021/01/quem-foram-os-puritanos/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>54</sup> SANTOS, Gilson. Thomas Watson. Ministério Fiel, 2002. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/thomas-watson/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

e, em 1651, veio a ser deão da Christ Church, a maior faculdade de Oxford. Em 1652, recebeu o cargo adicional de vice-reitor da universidade, a qual passou a reorganizar com sucesso notável.<sup>55</sup>

Segundo John Owen, a mortificação do pecado em nosso corpo é obra exclusiva do Espírito Santo, nenhum meio que o homem possa propor para si será eficaz, porque ele acabará se vangloriando, tomando para si a glória que é de Deus, e se iludindo, pois nenhum homem é capaz de fazer isso por seus próprios meios. Dessa forma, ele vai dizer o seguinte:

Todos os demais meios de mortificação são vãos; todas as ajudas nos deixam indefesos; imprescindivelmente, só o Espírito a realiza. Os homens, conforme subentende o apóstolo (Rm 9.30-32), podem tentar realizar essa obra segundo outros princípios, por meios e ajudas que operam por outros sistemas, como sempre fizeram e fazem; mas (diz Paulo) essa obra é do Espírito; deve ser realizada somente por ele e não pode ser levada a efeito por outro poder qualquer. A mortificação mediante as próprias forças levada a efeito por meios inventados pelo próprio indivíduo, com o propósito de ser justo em si mesmo, é o cerne e a substância de toda a religião falsa no mundo inteiro.<sup>56</sup>

Assim como, o arrependimento dos seus pecados, por parte do homem, só é possível através da obra de regeneração operada pelo Espírito Santo que o torna apto para se arrepender. E o arrependimento dos nossos pecados precisa ser diário porque pecamos contra o Senhor todos os dias, assim como, a mortificação dos nossos pecados é algo contínuo na vida do crente, porque essa luta durará enquanto estivermos vivos ou até que Cristo volte. Owen faz a seguinte afirmação sobre isso:

Diz o apóstolo: “Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês...” (Cl 3.5). A quem ele se dirige? Aos que ressuscitaram com Cristo (v.1); que morreram com ele; de quem Cristo era a vida e que se manifestariam com ele em glória (v.4). Mortifique-se, faça da mortificação seu empenho diário, ocupe-se sempre dela enquanto viver, não interrompa um só dia essa obra; preocupe-se em matar o pecado, senão ele acabará matando você.<sup>57</sup>

O desejo dos nosso olhos e da nossa carne continua tentando e concebendo pecado (Tg 1.14). John Owen vai dizer que em toda ação moral, há inclinação para o mal ou para impedir a prática do bem, deixando o espírito indisposto à comunhão com Deus.<sup>58</sup> É o que o apóstolo Paulo vai deixar claro em Romanos 7.19, “... o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo”. Isso ocorre porque toda nossa santidade está manchada pelo pecado. A

<sup>55</sup> MARCOS, Armando. Hoje na História da Igreja: John Owen, teólogo puritano inglês, falecia aos 63 anos, em 1683. Projeto Castelo Forte, 2022. Disponível em: <https://projcetocasteloforte.com.br/hoje-na-historia-da-igreja-john-owen-teologo-puritano-ingles-falecia-aos-63-anos/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>56</sup> OWEN, John. A mortificação do pecado: Um clássico do século XVII – Introdução de J.I. Packer; Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 26.

<sup>57</sup> Idem, p. 33.

<sup>58</sup> Idem, p. 37.

“carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer” (Gl 5.17). Portanto, o pecado está sempre agindo, concebendo, seduzindo e tentando. Por isso o arrependimento é um instrumento importante na mortificação do pecado e ao mesmo tempo na vivificação do espírito, porque Deus, através dele, nos torna aptos a retornarmos para Ele.

Sendo assim, Owen vai refletir que uma das razões principais porque o Espírito e a nova natureza são dados a nós é para que tenhamos força interior para nos opor ao pecado e à concupiscência. É lógico pensar então que existe uma propensão no Espírito, ou na nova natureza espiritual, de agir contra a carne, assim como a carne tende a agir contra o Espírito.<sup>59</sup> A graça e os dons que Deus nos dá são para que os usemos, exercitemos e atuem com eles. Não mortificarmos dia após dia o nosso pecado é pecarmos contra a bondade, a generosidade, a sabedoria, a graça e o amor de Deus, que nos ofereceu meios de mortificá-lo.<sup>60</sup> Assim como, é pecado não nos arrependermos pelas faltas cometidas contra Deus quando Ele nos torna aptos para isso.

John Owen faz o seguinte comentário sobre aqueles que negligenciam a mortificação do seu pecado e, porque, não podemos falar o mesmo sobre aqueles que não se arrependem pelos seus pecados:

Quando o pecado, mediante a negligência da mortificação, consegue considerável vitória, quebra os ossos da alma (Sl 31.10, 51.8) e deixa a pessoa fraca, doente, pronta para morrer (Sl 38.3-5), de modo que não consiga sequer levantar os olhos (Sl 40.12; Is 33.24) Quando pobres criaturas aceitam golpe após golpe, ferida após ferida, derrota após derrota, sem nunca se opor vigorosamente, como poderão esperar outra coisa senão ficar endurecidas, mediante o engano do pecado, e sangrar a alma até morrer (2Jo 8)?<sup>61</sup>

Owen nos traz a reflexão de que a não ser que a pessoa seja convertida verdadeiramente ao Senhor Jesus Cristo, nunca poderá mortificar nem um pecado sequer. A mortificação é obra de cristãos: “... se pelo Espírito fizerem morrer...” (Rm 8.13); para os quais não há condenação (v.1). Somente eles são exortados a isso: “... façam morrer tudo o que pertence a natureza terrena de vocês...” (Cl 3.5).<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> OWEN, John. A mortificação do pecado: Um clássico do século XVII – Introdução de J.I. Packer; Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 40.

<sup>60</sup> Idem, p. 41.

<sup>61</sup> Idem, p. 42.

<sup>62</sup> Idem, p. 91.

### 2.3.2 Thomas Watson (1620–1686)

Thomas Watson traz o pensamento de que a Palavra de Deus não nos dá licença para pecar, antes ela nos ordena a negar nossas paixões ímpias, o que nos remete ao arrependimento. Porém, não é provável que façamos isso de bom grado, que sacrifiquemos o nosso Isaque sem nenhuma resistência, referindo-se a história de Abraão. Portanto, um verdadeiro cristão deve negar a sua malícia, vingança, avareza, impureza, superstição e heterodoxia.<sup>63</sup>

Um cristão deve negar o pecado que de forma insistente o assedia e caso ele venha a cair na tentação provocada por ele, seu dever é buscar o verdadeiro arrependimento em Cristo Jesus. Porque, como Watson reflete:

O Diabo pode prender um homem por um único pecado. Um carcereiro pode prender o prisioneiro através de uma única algema. Um pecado é suficiente para interromper a corrente da misericórdia. Um só pecado pode condenar assim como uma única pedra de moinho é suficiente para afundar um homem no mar. Se há algum desejo que não podemos negar, este será a raiz de amargura que provocará um escândalo ou a apostasia.<sup>64</sup>

A principal razão, segundo Watson, pela qual devemos negar a nós mesmos é porque não podemos ser salvos de outra maneira. Sem negar a nós mesmos, jamais poderemos aceitar os termos de Cristo. Sem nos arrependermos dos nossos pecados como voltaremos para Deus e nos despiremos do velho homem e nos revestiremos do novo homem? Se não conseguirmos negar o mundo, como poderemos dizer que cremos em Cristo? Se a vontade não é negada, Cristo não pode ser obedecido.<sup>65</sup> Portanto, não podemos dizer que somos salvos, se não negarmos a nós mesmos, porque isso comprova que somos seguidores de Cristo, porque o mesmo disse assim: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.”<sup>66</sup>

Thomas Watson vai dizer também que a graça nos ensina a arte da negação de si mesmo, pois é algo que não pode ser feito pela força natural e que devemos nos esforçar para obtermos três graças: a Humildade, porque uma pessoa orgulhosa tem admiração por si mesma, portanto, não pode negar a si mesma; o Amor, pois aquele que tem seu coração preenchido pelo amor por Cristo deixará tudo por amor a Ele; e a Fé, porque quanto mais

<sup>63</sup> WATSON, Thomas. O dever de negar a si mesmo [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 33.

<sup>64</sup> Idem, p. 34.

<sup>65</sup> Idem, p. 40.

<sup>66</sup> BÍBLIA. Marcos 8:34. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.



forte é a fé de um cristão, mais evidente será a negação de si mesmo.<sup>67</sup>

A Oração também é parte importantíssima nesse processo de negar a si mesmo e devemos pedir a Deus para que tenhamos um coração inclinado a renúncia de nós mesmos e para que possamos sempre reconhecer quando pecarmos contra o Senhor e nos arrependermos dos nossos pecados.<sup>68</sup>

### 3 PERSPECTIVA BÍBLICO-REFORMADA DA DOUTRINA DO ARREPENDIMENTO

#### 3.1 Arrependimento e seu significado

Em tempos que o arrependimento dos pecados é totalmente desconsiderado na dinâmica da salvação por parte de algumas igrejas evangélicas, é necessário sabermos o que é arrependimento, seu significado, conceito, origem e os frutos do arrependimento.

##### 3.1.1 Estudo da palavra

As palavras para arrependimento no Antigo Testamento são *nicham* e *shubh*. *Nicham*, a forma nifal de *nacham*, significa estar sentido, ser movido à piedade ou arrepender-se de erros.<sup>69</sup> Ela é usada com frequência a respeito de Deus para comunicar uma mudança ou possível mudança nos seus planos, como no texto de Gênesis 6.6-7, que diz: “6. então, se **arrependeu** o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. 7. Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me **arrependo** de os haver feito.”<sup>70</sup> Essa palavra também é usada para descrever a tristeza pelo pecado no homem. Temos, por exemplo, o texto de Jó 42.6, que diz: “Por isso, me abomino e me **arrependo** no pó e na cinza.”<sup>71</sup>

Ainda mais comum no Antigo Testamento é o uso da palavra *shubh*. Ela tem como significado voltar atrás, ir na direção oposta. Dessa maneira, essa palavra traz o significado

<sup>67</sup> WATSON, Thomas. O dever de negar a si mesmo [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 49-51.

<sup>68</sup> Idem, p. 51.

<sup>69</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 121.

<sup>70</sup> BÍBLIA. Gênesis 6.6-7. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>71</sup> Idem, Jó 42.6.

de abandonar o pecado (I Rs 8.35), a iniquidade (Jó 36.10), a maldade e os maus caminhos (Ne 9.35). Num sentido positivo, *shubh* significa voltar-se para Deus, como em Malaquias 3.7b, quando diz: “tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos.”<sup>72</sup>

No Novo Testamento existem duas palavras-chave para arrependimento, são elas: *metanoia* e *epistrepho*. O verbo correspondente à *metanoia* é *metanoeo*; é comum na Septuaginta que ele seja usado para traduzir *nicham*. A palavra *epistrepho*, na Septuaginta, é a tradução mais comum de *shubh*. Geralmente *metanoia* parece enfatizar a transformação interior que envolve o arrependimento, enquanto *epistrepho* realça a mudança na vida exterior que implementa e expressa a mudança interior.<sup>73</sup>

*Metanoia* é uma combinação de *meta* e *noia*. *Meta* significa com, depois ou além; assim, aponta para a mudança que se segue. *Nous* significa mente, atitude, maneira de pensar, disposição, caráter ou consciência moral. Literalmente, *metanoia* significa uma mudança de mente ou coração. Sendo assim, ela envolve a mudança da pessoa por completo, e de sua visão de mundo.<sup>74</sup>

Já a palavra *epistrepho*, o significado básico do verbo (*epi*, que quer dizer “em direção”, mais *strepho*, que quer dizer “tornar”) é “retornar” ou “dar meia-volta”. É usada no Novo Testamento particularmente para descrever o abandono do pecado para voltar-se para Deus.<sup>75</sup> De forma negativa, a palavra significa apartar-se das perversidades (At 3.26, ainda que aqui seja usado *apostrepho*), do caminho errado (Tg 5.20). De maneira positiva, descreve um voltar-se para o Senhor (Lc 1.16) ou um retorno do coração dos pais aos filhos e dos desobedientes à prudência dos justos (Lc 1.17). Algumas vezes *epistrepho* inclui as formas negativa e positiva, podendo significar um abandono das coisas sem valor para voltar-se para Deus (At 14.15), dos ídolos para o serviço do Deus vivo (I Ts 1.9), ou das trevas para a luz (At 26.18).<sup>76</sup>

### 3.1.2 O conceito de Arrependimento

Para Hoekema, o arrependimento pode ser definido como o abandono consciente,

<sup>72</sup> BÍBLIA. Malaquias 3.7b. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>73</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 122.

<sup>74</sup> Idem, p. 123.

<sup>75</sup> Idem, p. 124.

<sup>76</sup> Idem, p. 124-125.

por parte da pessoa regenerada, do pecado, e uma volta para Deus, numa completa mudança de vida, manifestando-se numa nova maneira de pensamento, sentimento e vontade.<sup>77</sup> Sinclair Ferguson vai dizer que o arrependimento bíblico é não apenas um senso de tristeza que nos deixa onde nos achou. É uma reversão radical que nos faz voltar as costas para a longa estrada de nossas vagueações pecaminosas, criando em nós uma mentalidade totalmente diferente.<sup>78</sup>

A. W. Pink traz o seguinte conceito de arrependimento:

O verdadeiro arrependimento resulta de uma percepção no coração, realizada nele pelo Espírito Santo, acerca da malignidade do pecado e do horror de ignorar as reivindicações de Deus e desafiar a sua autoridade. Portanto, o verdadeiro arrependimento é um santo horror e ódio pelo pecado, uma profunda tristeza por ele, um reconhecimento dele diante de Deus e um completo abandono de coração do pecado.<sup>79</sup>

Os seguintes aspectos do arrependimento podem ser observados embora não possam ser separados:

1. Aspecto intelectual. O arrependimento envolve o reconhecimento do pecado, com a compreensão de que somos pecadores, de que o nosso pecado é uma afronta a santidade de Deus e que somos responsáveis por nossas próprias culpas. O arrependimento que leva à salvação deve incluir também o reconhecimento de quem Cristo é, assim como, a compreensão do direito de Cristo governar as nossas vidas.<sup>80</sup> Tem que haver também um entendimento da misericórdia de Deus e da sua prontidão para perdoar, pois à parte desse entendimento o conhecimento do pecado só nos levaria ao medo e ao desespero.<sup>81</sup>

2. Aspecto emocional. O arrependimento genuíno geralmente é acompanhado por uma profunda tristeza do pecado em si, e não somente por causa das consequências do pecado. As raízes da tristeza segundo Deus (2 Co 7.10) têm que se apoiar no amor a Deus: entristecemos-nos por haver pecado, porque amamos a Deus e estamos sentidos por havê-lo desagradado. Além da tristeza, deve haver também a alegria no perdão de Deus, por fazer sua vontade e na comunhão com os outros.<sup>82</sup>

3. Aspecto volitivo. O arrependimento inclui mudança de direção, transformação da

<sup>77</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 125.

<sup>78</sup> FERGUSON, Sinclair. A Graça do Arrependimento; traduzido por Francisco Wellington Ferreira; 2. ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 22.

<sup>79</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 19.

<sup>80</sup> MACARTHUR, John. O Evangelho segundo Jesus [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 224, 225.

<sup>81</sup> HOEKEMA, 2018, p. 125.

<sup>82</sup> Idem, p. 126.

vontade. Longe de ser uma simples mudança de mente, constitui-se no desejo – ou, mais precisamente, na decisão firme – de abandonar a obstinada desobediência e submeter à vontade a Cristo. A mudança de comportamento não é em si mesma arrependimento, mas é o seu fruto inevitável.<sup>83</sup>

### 3.1.3 A relação entre Arrependimento e Fé

Existe um debate sobre o que vem primeiro, se o arrependimento ou a fé? Alguns teólogos acreditam que o arrependimento deve vir antes da fé: “O arrependimento leva imediatamente a fé salvadora, a qual é, por sua vez, a condição e o instrumento da justificação”.<sup>84</sup> Outros, entretanto, creem que o arrependimento vem após a fé.

O arrependimento e a fé são, ambos, necessários à salvação, mas estão relacionados à justificação de maneiras diferentes. A fé sozinha é o instrumento pelo qual Cristo é recebido e crido como Salvador. A justificação é pela fé e não pelo arrependimento. Mas a fé (e, portanto, a justificação) não pode existir onde não há arrependimento. Eu não posso ir a Cristo com fé, sem afastar-me do pecado com arrependimento.<sup>85</sup>

Na verdade, não podemos falar em prioridade do arrependimento ou da fé. Mesmo que o arrependimento possa ser e é diferente de fé, eles jamais devem ser separados. Ambos derivam da regeneração e são aspectos da conversão. Segundo John Murray (apud HOEKEMA, 2018, p. 121) disse:

A fé que é para a salvação é uma fé penitente, e o arrependimento que é para a vida é um arrependimento crente. (...) fé é fé em Cristo para a salvação dos pecados. Porém, se a fé dirigida para a salvação do pecado, deve haver ódio pelo pecado e o desejo de ser salvo dele. Esse ódio pelo pecado envolve o arrependimento, que consiste essencialmente em voltar-se do pecado para Deus. Repetindo, se nos lembramos de que o arrependimento é voltar-se para Deus, este voltar-se para Deus subentende fé na misericórdia de Deus como revelada em Cristo. É impossível desvencilhar a fé do arrependimento. A fé salvadora permeia o arrependimento, e o arrependimento permeia a fé.<sup>86</sup>

Entretanto, a abordagem evangelística atual que, por exemplo, utiliza-se do apelo evangelístico para “trazer pessoas a Cristo”, está alinhado a uma explicação defeituosa do que seja realmente crer. John MacArthur, faz o seguinte comentário sobre isso:

<sup>83</sup> MACARTHUR, John. O Evangelho segundo Jesus [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 225.

<sup>84</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 121.

<sup>85</sup> FERGUSON, Sinclair. A Graça do Arrependimento; traduzido por Francisco Wellington Ferreira; 2. ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 24.

<sup>86</sup> HOEKEMA, 2018, p. 121.

A definição atual de fé elimina o arrependimento, exclui os elementos morais do crer, torna desnecessária a obra de Deus no coração do pecador, e faz da confiança contínua no Senhor uma opção. Longe de sustentar a verdade de que as obras humanas não têm lugar na salvação, o moderno evangelho da fé-fácil tem feito da fé, em si mesma, uma obra totalmente humana, um atributo frágil e temporário, que pode ou não perdurar.<sup>87</sup>

Dizer que alguém pode ter fé no momento da salvação e nunca mais precisar dessa fé não é a visão bíblica da fé. As palavras do apóstolo Paulo em 2 Timóteo 2.12 falam a respeito disso: “Se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele por sua vez nos negará.”<sup>88</sup> A perseverança é a marca daqueles que irão reinar com Jesus. Obviamente que o permanecer é uma característica dos crentes verdadeiros, enquanto que a deslealdade e deserção revelam a incredulidade do coração.<sup>89</sup>

### 3.1.4 A origem do arrependimento

A Bíblia fala de arrependimento como obra de Deus e do homem. O arrependimento é claramente retratado nas Escrituras como uma obra que o Senhor capacita os seres humanos para fazer, como é descrito em Atos 11.18, que diz: “Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida”.<sup>90</sup> Da mesma forma, em 2 Timóteo 2.25-26, o apóstolo Paulo insta com Timóteo para que exorte com gentileza os que se opunham “na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem a verdade, mas também o retorno à sensatez”.<sup>91</sup>

Os Cânones de Dort expressam a atividade dos seres humanos no arrependimento. Depois de falar sobre a forma sobrenatural de como Deus opera a regeneração, os cânones (apud HOEKEMA, 2018, p. 127) prosseguem dizendo: “E então a vontade, já renovada, é não somente ativada e motivada por Deus, como, ativada por Deus, é ativada em si mesma. Por isso o homem, pela graça recebida, é também corretamente instado a crer e a arrepender-se”.<sup>92</sup>

A.W. Pink nos traz uma contribuição importante de como o arrependimento é uma obra de Deus e do homem, quando ele diz:

<sup>87</sup> MACARTHUR, John. O Evangelho segundo Jesus [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 238.

<sup>88</sup> BÍBLIA. 2 Timóteo 2.12. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>89</sup> MACARTHUR, 2015, p. 238.

<sup>90</sup> BÍBLIA. Atos 11.18, 1999.

<sup>91</sup> Idem, 2 Timóteo 2.25-26.

<sup>92</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 127.

O arrependimento é uma revelação sobrenatural e interna a partir de Deus, que proporciona uma profunda consciência do que sou diante dele e que me faz detestar e condenar a mim mesmo, resultando em uma grande tristeza pelo pecado, um horror santo e um ódio pelo pecado, bem como um afastamento ou abandono do pecado. O arrependimento é a descoberta das altas e justas reivindicações de Deus sobre mim e de minha falha ao longo da vida em atender a essas reivindicações. O arrependimento é o reconhecimento da santidade e bondade de sua lei e de minha insubordinação desafiante a ela. O arrependimento é a percepção de que Deus tem o direito de me governar e da minha recusa em me submeter a ele. O arrependimento é a apreensão de que ele me tratou bem e com bondade, e que eu o retribuí mal e sem ter qualquer preocupação com sua honra e glória. O arrependimento é a realização de sua graciosa paciência comigo e de como, em vez de isso quebrantar o meu coração e me fazer render uma obediência amorosa a ele, abusei de sua paciência e continuei a viver buscando fazer apenas minha própria vontade.<sup>93</sup>

### 3.1.5 Os frutos do arrependimento

Para identificarmos o verdadeiro arrependimento, A. W. Pink sugere que podemos considerar os seguintes frutos que demonstram um arrependimento piedoso.

Um dos frutos a ser considerado é um verdadeiro **ódio do pecado como pecado**, não apenas de suas consequências. Um ódio não só de determinado pecado, mas também de todo e qualquer pecado, e particularmente da própria raiz: a vontade própria.<sup>94</sup> Aquele que não odeia o pecado, o ama. A demanda de Deus é: "Tereis nojo de vós mesmos, por todas as vossas iniquidades que tendes cometido." (Ezequiel 20.43).<sup>95</sup> Aquele que realmente se arrependeu pode verdadeiramente dizer: "detesto todo caminho de falsidade" (Salmos 119.104).<sup>96</sup>

Outro fruto a ser considerado é uma **profunda tristeza pelo pecado**. A. W. Pink vai dizer o seguinte sobre isso:

Uma profunda tristeza pelo pecado. O arrependimento não salvífico de tantos é principalmente uma angústia ocasionada por pressentimentos da ira divina; mas o arrependimento evangélico produz uma profunda tristeza de um sentimento de ter ofendido um Ser tão infinitamente excelente e glorioso como Deus. Um é o efeito do medo, o outro do amor; o outro é apenas por um breve período, o outro é a prática habitual para a vida.<sup>97</sup>

Ou seja, essa tristeza é algo permanente na vida daquele que serve a Cristo, ele nunca ficará satisfeito em viver uma vida de pecado, mas ele se entristecerá por causa dele e buscará

<sup>93</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 28.

<sup>94</sup> PINK, A. W. *O Dia do Arrependimento* [livro eletrônico]; Traduzido por Victoria Neves. RJ: Eternus, 2023, p. 40.

<sup>95</sup> BÍBLIA. Ezequiel 20.43. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>96</sup> Idem, Salmo 119.104.

<sup>97</sup> PINK, 2023, p. 40.

o perdão de Deus. Inclusive, essa tristeza é produzida no coração pelo Espírito Santo e tem Deus como seu objetivo. É uma tristeza por ter desprezado tal Deus, ter se rebelado contra Sua autoridade e ter sido indiferente à Sua glória.<sup>98</sup>

Seu chamado é: "Convertei-vos a mim (Senhor) de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo" (Joel 2.12-13).<sup>99</sup> A tristeza pelo pecado é genuína, quando nos leva a crucificar "a carne com as paixões e concupiscências" (Gálatas 5.24).<sup>100</sup>

**A confissão de pecado** é outro fruto do arrependimento. "Aquele que encobre os seus pecados não prosperará" (Provérbios 28.13).<sup>101</sup> É da natureza do pecador negar seus pecados, direta ou indiretamente, para minimizar, ou dar desculpas para eles. Mas quando o Espírito Santo opera em qualquer alma, seus pecados são trazidos à luz, e ele, por sua vez, reconhece a Deus.<sup>102</sup> Um verdadeiro cristão depois de pecar não terá paz na sua consciência até que confesse o seu pecado ao Senhor. Não haverá alívio até que ele o confesse, pois como diz Davi: "Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio" (Salmo 32.3-4).<sup>103</sup>

A seguir, como fruto do arrependimento, podemos levar em consideração um verdadeiro **afastamento do pecado**. Spurgeon (apud PINK, 2023, p. 42) vai dizer que:

Certamente não há ninguém aqui tão estupefato, com o láudano de indiferença infernal, a ponto de imaginar que ele pode deleitar-se em suas luxúrias e depois usar as vestes brancas dos redimidos no Paraíso. Se você imaginar que pode ser participante do sangue de Cristo, e ainda beber o cálice de Belial; se você imaginar que pode ser membro de Satanás e membro de Cristo ao mesmo tempo, você tem menos sentido do que alguém lhe daria crédito. Não, você sabe que as mãos certas devem ser cortadas e os olhos direitos arrancados - que os pecados mais queridos devem ser renunciados - se você entrar no reino de Deus".<sup>104</sup>

Três palavras gregas são usadas no Novo Testamento que apresentam diferentes fases de arrependimento. Primeiro, metanoeo, o que significa uma mudança de mente (Mateus 3.2; Marcos 1.15). Em segundo lugar, metanolomai, que significa uma mudança de coração

<sup>98</sup> PINK, A. W. *O Dia do Arrependimento* [livro eletrônico]; Traduzido por Victoria Neves. RJ: Eternus, 2023, p. 41.

<sup>99</sup> BÍBLIA. Joel 2.12-13. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>100</sup> Idem, Gálatas 5.24.

<sup>101</sup> Idem, Provérbios 28.13.

<sup>102</sup> PINK, 2023, p. 41.

<sup>103</sup> BÍBLIA. Salmo 32.3-4, 1999.

<sup>104</sup> PINK, 2023, p. 42.

(Mateus 21.29, 32; Hebreus 7.21). Terceiro, metanoia, o que significa uma mudança de curso ou vida (Mateus 3.8; 9.13; Atos 20.21). Os três devem ir juntos para um arrependimento genuíno.<sup>105</sup> Muitos até passam por uma mudança de mente, sendo instruídos na Palavra de Deus, mas continuam a desafiar o Senhor. Outros são até confrontados no coração ou na consciência, mas continuam pecando. Alguns emendam seus caminhos, mas não do amor a Deus e do ódio ao pecado. Alguns não adquirem conhecimento e ficam com seus corações inquietos, mas nunca reformam suas vidas. Por isso, a necessidade dos três andarem juntos. A Bíblia vai dizer em Isaías 55.3: “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.”<sup>106</sup>

O arrependimento deve vir acompanhado de restituição sempre que necessário e possível. Nenhum arrependimento pode ser verdadeiro que não seja acompanhado por uma mudança completa da vida. A oração de uma pessoa genuinamente penitente é: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável” (Salmos 51.10).<sup>107</sup> E onde alguém realmente deseja estar certo com Deus, ele também o faz com seus semelhantes. Aquele que, em sua vida passada, prejudicou outro, e agora não faz nenhum esforço determinado para fazer tudo ao seu alcance para corrigir esse erro, certamente não se arrependeu!<sup>108</sup>

Portanto, estes frutos são permanentes. Porque o verdadeiro arrependimento é precedido por uma realização da beleza e excelência do caráter divino e uma apreensão da excessiva pecaminosidade do pecado por ter tratado com desprezo um Ser tão infinitamente glorioso, contrição e ódio de todo o mal estão permanentes. À medida que vamos crescendo na graça e no conhecimento do Senhor, de nossa dívida e obrigações para com Ele, nosso arrependimento se torna cada vez mais profundo, nos julgamos com mais profundidade e tomamos um lugar cada vez mais de humildade diante do Senhor.<sup>109</sup>

### 3.2 Arrependimento e sua importância

Nesse tópico vamos destacar como se dá a relação do arrependimento com a

<sup>105</sup> PINK, A. W. *O Dia do Arrependimento* [livro eletrônico]; Traduzido por Victoria Neves. RJ: Eternus, 2023, p.42.

<sup>106</sup> BÍBLIA. Isaías 55.3. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>107</sup> Idem, Salmo 51.10.

<sup>108</sup> PINK, 2023, p. 43.

<sup>109</sup> PINK, 2023, p. 43.



regeneração, a conversão, no desenvolvimento da fé e na santificação do homem.

### 3.2.1 Na Regeneração

O homem só se torna apto ao arrependimento graças a regeneração que pode ser definida como a obra do Espírito Santo pela qual ele inicialmente conduz as pessoas à viva união com Cristo, transformando seus corações para que aquelas que estão espiritualmente mortas se tornem espiritualmente vivas, aptas a se arrepender do pecado, crer na Palavra de Deus e servir ao Senhor.<sup>110</sup>

O apóstolo Pedro liga a regeneração com a ressurreição de Cristo e com a nossa esperança, quando ele fala em 1 Pedro 1.3 o seguinte: “nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo”.<sup>111</sup> Deus fez com que nascêssemos de novo por meio da ressurreição de Cristo dentre os mortos. A ressurreição de Cristo é, na verdade, a fonte de nossa vida espiritual; uma vez que Deus nos tornou vivos em Cristo, nossa nova vida é uma parte da vida ressurreta de Cristo.<sup>112</sup>

Assim como, vemos em 1 João 3.9 que aquele que foi regenerado não continua a viver em pecado: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”.<sup>113</sup> João quer informar que a pessoa que foi regenerada não pode continuar pecando com prazer, isto é, não pode viver na prática constante do pecado. O crente pode cair em pecado, mas não pode andar nele.<sup>114</sup>

A regeneração e a conversão ocorrem de forma simultânea, como podemos observar no caso de Lídia, em Atos 16.14: “Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.”<sup>115</sup> Sabendo que o coração é o ser interior de uma pessoa, assumimos que o abrir do coração descreve a regeneração. Isso levou Lídia a responder crendo no que Paulo dizia – aceitando, abraçando e agindo sobre essa base. Essa resposta é o que chamamos de conversão. Causalmente, porém, a regeneração tem que vir “antes” da

<sup>110</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 94.

<sup>111</sup> BÍBLIA. 1 Pedro 1.3. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>112</sup> HOEKEMA, 2018, p. 99.

<sup>113</sup> BÍBLIA. 1 João 3.9, 1999.

<sup>114</sup> HOEKEMA, 2018, p. 99.

<sup>115</sup> BÍBLIA. Atos 16.14, 1999.

conversão. Alguém só pode responder em arrependimento e fé depois de Deus haver-lhe concedido vida.<sup>116</sup>

A.W. Pink faz um comentário interessante sobre a relação do arrependimento e a regeneração:

Assim, o arrependimento pressupõe necessariamente a regeneração, na qual à alma favorecida foi dado “entendimento para reconhecermos aquele que é o Verdadeiro” (1 João 5.20). A primeira evidência de que essa iluminação sobrenatural foi dada é a apreensão interna da excelência e da supremacia de Deus, acompanhada de uma consciência que fica horrorizada em ver como falhei terrivelmente, ao longo de toda a minha vida, em dar a Deus o seu lugar legítimo em meu coração e vida.<sup>117</sup>

### 3.2.2 Na Conversão

A conversão pode ser definida como o ato consciente de uma pessoa que foi regerada por Deus, em que ela se volta para Ele em arrependimento e fé, envolvendo um duplo desvio: para longe do pecado e na direção do serviço de Deus. Hoekema, diz que a conversão inclui os seguintes elementos:

(1) a iluminação da mente, pela qual o pecado é conhecido como ele é na realidade, um comportamento que desagrada a Deus; (2) autêntica tristeza pelo pecado, não apenas remorso por causa dos seus resultados amargos; (3) humilde confissão do pecado, tanto para com Deus como em relação aos outros que foram feridos pelo pecado; (4) ódio pelo pecado, incluindo a decisão de fugir dele; (5) retorno a Deus como gracioso Pai em Cristo, com fé de que ele pode perdoar nossos pecados e faz isso; (6) alegria de coração em Deus por meio de Cristo; (7) amor genuíno por Deus e pelos outros, juntamente com prazer no serviço de Deus.<sup>118</sup>

Então, no processo de conversão, o arrependimento se mostra como um fator que autentica a conversão de um pecador, porque se faz necessário que ele reconheça o pecado como algo que desagrada a Deus e que, por conta disso, além de se entristecer verdadeiramente pelo pecado, ele confessa seus pecados a Deus e por amor a Ele, sente ódio pelo pecado, pois ele é o principal elemento que o afasta de Deus, fazendo com que ele queira fugir com todas as forças do pecado para não se afastar do Senhor.

John MacArthur vai dizer o seguinte sobre a mensagem do arrependimento e a conversão bíblica:

Nenhuma evangelização que omita a mensagem do arrependimento pode ser chamada apropriadamente de evangelho, pois os pecadores não podem vir a Jesus Cristo sem uma transformação radical de coração, mente e vontade. Para tanto, é necessário que haja uma crise espiritual que leve a pessoa a uma reviravolta completa e, finalmente, a uma transformação total. Este é o único tipo de conversão reconhecido pela

<sup>116</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 105.

<sup>117</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 38.

<sup>118</sup> HOEKEMA, 2018, p. 105.

Bíblia.[22].<sup>119</sup>

Hoekema vai falar, porém, sobre conversões temporárias, que são aquelas que não são verdadeiras, mas apenas aparentes, que de longe parecem uma coisa, mas de perto é outra totalmente diferente. Jesus fala sobre esse tipo de conversão na Parábola do semeador – a pessoa que recebe a semente que caiu em terreno pedregoso.<sup>120</sup> Esse tipo de semente descreve o homem que “ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza” (Mt 13.20-21).<sup>121</sup>

A diferença entre a pessoa bem-aventurada e a pessoa ímpia é que a pessoa bem-aventurada anda de acordo com o curso do céu, e não de acordo com o curso deste mundo, há esse contraste marcante entre elas.<sup>122</sup> O não convertido ainda está morto espiritualmente e anda de acordo com o curso deste mundo. Portanto, a conversão é uma transição da morte espiritual para a vida espiritual.

### 3.2.3 No Desenvolvimento da Fé

A fé é um elemento essencial da conversão, junto com o arrependimento, sendo ambos necessários para a salvação. Sproul vai dizer o seguinte sobre a ligação existente entre o arrependimento e a fé:

Se examinamos com atenção o conceito de fé no Novo Testamento, a qual é a exigência suprema para a redenção, aprendemos que o arrependimento piedoso é uma parte integral da fé. Se uma pessoa tem fé, mas não arrependimento, essa pessoa não tem fé autêntica. Essa pessoa não possui os ingredientes necessários para a redenção; a conversão é um resultado de fé e arrependimento.<sup>123</sup>

Os profetas insistentemente conclamam o povo a fé no Deus de Israel – uma fé que deve se revelar em arrependimento genuíno, abandono da idolatria, preocupação com a justiça, amor pelas pessoas em necessidade e consagração ao serviço do Senhor.<sup>124</sup> O autor de Hebreus nos diz que sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). Fé é a “obra” máxima

<sup>119</sup> MACARTHUR, John. O Evangelho segundo Jesus [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 230.

<sup>120</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 114.

<sup>121</sup> BÍBLIA. Mateus 13.20-21. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>122</sup> SPROUL, R. C. *O que é arrependimento?* [livro eletrônico]; Traduzido por Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014, p. 26.

<sup>123</sup> SPROUL, 2014, p. 24

<sup>124</sup> HOEKEMA, 2018, p. 132-133.

que Deus requer de nós (Jo 6.29); o mandamento de Deus é que creiamos em Cristo (1Jo 3.23). Fé é o meio pelo qual nós somos salvos (Rm 10.9) e a maneira de assegurar esperança (Hb 11.1).<sup>125</sup>

Um grande problema da abordagem evangelística em nossos dias é que a fé em Cristo pode nos salvar, mas é escondida das pessoas a questão de que Cristo confronta o nosso pecado. Multidões tem se aproximado de Cristo com entusiasmo até, mas sem qualquer sensação de enormidade de sua culpa diante de Deus, e sem qualquer desejo de serem libertas da escravidão do pecado.<sup>126</sup> Portanto, estes não possuem e nem compreendem o que é a fé verdadeira. A “fé” sobre a qual se firmam os levam apenas a um convencimento de que precisam de Cristo para ser salvos, mas não a uma conversão a Ele.

A fé gerada por Deus inclui tanto a vontade quanto a habilidade para a pessoa se ajustar à vontade de Deus, como diz Fp. 2.13, “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”<sup>127</sup> Ou seja, a fé inclui a obediência. Berkhof (apud MACARTHUR, 2015, p. 239) vê três elementos na fé genuína: o elemento intelectual (*notitià*), que é a compreensão da verdade; o elemento emocional (*assensus*), que é a convicção e a declaração da verdade; e o elemento volitivo (*fiducia*), que é a decisão da vontade de obedecer a verdade.<sup>128</sup> A teologia popular, vamos dizer assim, tende a reconhecer a *notitia* e, geralmente, o *assensus*, mas tenta eliminar a *fiducia*. Porém a fé não é completa a não ser que seja obediente. Spurgeon (apud MACARTHUR, 2015, p. 242) disse: “Mesmo estando convictos de que os homens não são salvos por causa de suas obras, também estamos convictos de que nenhum homem será salvo sem elas.”<sup>129</sup> A verdadeira fé sempre se manifesta pela obediência.

MacArthur traz uma descrição dos verdadeiros crentes baseado no que Cristo falou:

Os verdadeiros crentes veem a si mesmos como pecadores; sabem que nada têm para oferecer a Deus que possa comprar o seu favor. É por isso que choram (Mt 5.4) com a tristeza que acompanha o verdadeiro arrependimento. E o crente é constrangido à mansidão (v.5). Ele sente fome e sede de justiça (v. 6). E, à medida que o Senhor satisfaz essa fome, torna-o misericordioso (v.6), puro de coração (v.7), e pacificador (v. 9). Finalmente, o crente acaba sendo perseguido e injuriado por causa da justiça (v. 10).<sup>130</sup>

<sup>125</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 130.

<sup>126</sup> MACARTHUR, John. O Evangelho segundo Jesus [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 236.

<sup>127</sup> BÍBLIA. Filipenses 2.13. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>128</sup> MACARTHUR, 2015, p. 239.

<sup>129</sup> Idem, p. 242.

<sup>130</sup> Idem, p. 237.

### 3.2.4 No Processo de Santificação

Segundo Hoekema, pode-se definir santificação como a graciosa operação do Espírito Santo, que envolve nossa participação responsável, pela qual ele nos livra da poluição do pecado, renova nossa natureza inteira segundo a imagem de Deus e habilita-nos a viver de forma a agradá-lo.<sup>131</sup> Dessa maneira, o processo de santificação passa pelo arrependimento dos nossos pecados pois aquele que realmente se arrependeu pode dizer com verdade como o salmista: “Detesto todo caminho de falsidade” (Salmo 119.104).<sup>132</sup> Aquele que antes pensava que uma vida de santidade era algo triste, agora pensa de maneira diferente. Aquele que antes considerava uma vida licenciosa como algo desejável, agora a detesta e resolve abandonar todo pecado para sempre.<sup>133</sup>

A. W. Pink vai dizer que o arrependimento é uma revelação sobrenatural e interna a partir de Deus, que proporciona uma profunda consciência do que sou diante dele e que me faz detestar e condenar a mim mesmo, resultando em uma grande tristeza pelo pecado, um horror santo e um ódio pelo pecado, bem como um afastamento ou abandono do pecado.<sup>134</sup> Isso acontece porque a santificação dá poder para pensar, querer e amar de modo a glorificar a Deus: pensar os pensamentos de Deus e em conformidade com Deus, e agir em harmonia com sua vontade.<sup>135</sup>

Por isso, a misericórdia de Deus nunca é exercida às custas de sua santidade. Deus nunca mostra um de seus atributos de modo a desonrar outro. O puritano Thomas Goodwin (apud PINK, 2024, p. 33) diz o seguinte: “Decida abandonar todo pecado conhecido e se submeter a todo dever conhecido ou, então, jamais espere encontrar misericórdia e favor com Deus”.<sup>136</sup>

A santificação e o arrependimento andam juntos também porque ambos requerem a negação de nós mesmos, dos nossos desejos e vontades que não glorificam o nome de Deus. É necessário fazermos o que o apóstolo Paulo fala em Romanos 12.1-2:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para

<sup>131</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 183.

<sup>132</sup> BÍBLIA. Salmo 119.104. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>133</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 54.

<sup>134</sup> Idem, p. 30.

<sup>135</sup> HOEKEMA, 2018, p. 184.

<sup>136</sup> PINK, 2024, p. 33.

que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.<sup>137</sup>

O apóstolo invoca os seus leitores que demonstrem gratidão pela misericórdia de Deus, oferecendo-se a Ele como sacrifícios vivos, contrastando com os sacrifícios mortos oferecidos no Antigo Testamento. Ele também fala para não nos moldarmos a nós mesmos ostensivamente pelos padrões pecaminosos desta época, pelo contrário, devemos continuar a ser transformados interiormente pela renovação total da nossa atitude para com a vida. Ainda que seja Deus o autor dessa transformação interior, temos que dedicar nosso coração, nossa mente e nossa vontade ao Espírito Santo, o qual está nos refazendo.<sup>138</sup>

E, por estarmos nesse processo de transformação realizada por Deus, podemos dizer que os cristãos não são mais velhas pessoas, mas novas pessoas que estão sendo progressivamente renovadas. Cristãos precisam lutar contra o pecado diariamente e algumas vezes cederão a tentação de pecar, recorrendo a graça e a misericórdia de Deus pelo arrependimento, mas não são mais escravos do pecado. No poder do Espírito Santo são agora capazes de resistir ao pecado, pois ele provê livramento para cada tentação (1Co 10.13).<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> BÍBLIA. Romanos 12.1-2. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>138</sup> HOEKEMA, 2018, p. 191.

<sup>139</sup> Idem, p. 203, 204.

## 4. PRÁTICAS PASTORAIS E A DOCTRINA DO ARREPENDIMENTO

### 4.1 A Oração como Motivadora do Arrependimento

Já vimos que o verdadeiro crente precisa se arrepender dos seus pecados e que ele deve se arrepender constantemente, porque como o apóstolo João diz em 1 João 1.8 – “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.”<sup>140</sup> Porém, como João diz no versículo seguinte: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.”<sup>141</sup> E a forma que nós temos para confessarmos os nossos pecados a Cristo é através da oração.

Quando os ouvintes de Pedro em Atos 2 foram atemorizados pelo terrível crime que cometeram ao crucificarem o Senhor Jesus e ficaram com medo da ira vindoura de Deus sobre eles, então eles demonstraram a sua angústia a Pedro e aos demais apóstolos: “Que faremos, irmãos?”<sup>142</sup> E a resposta de Pedro foi: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.”<sup>143</sup> A. W. Pink comentando sobre essa resposta de Pedro vai dizer que ela significava essencialmente o seguinte:

Assumam toda a culpa que pertence a vocês. Confessem toda a verdade a Deus. Não dissimulem, mas confessem a sua maldade terrível; permitam que os seus corações incircuncisos sejam verdadeiramente humilhados diante dele. E então olhem, pela fé, para a livre graça de Deus por meio do sangue de Cristo buscando o perdão de pecados e em sinal de que vocês dependem completamente da mediação e dos méritos dele, então, sejam batizados em nome de Cristo e isso será para vocês um sinal eterno da remissão de seus pecados.<sup>144</sup>

O Salmo 51 também nos ajuda a compreender como a oração serve como motivadora do arrependimento. Este salmo foi composto depois que Davi foi confrontado pelo profeta Natã devido a seu adultério com Bate-Seba e sua cumplicidade no assassinato de Urias, o marido de Bate-Seba. Davi sendo trazido à consciência de seu pecado por meio da palavra do profeta em 2 Sm 11-12 escreve o Salmo 51 descrevendo o caminho do arrependimento pelo qual conheceu a misericórdia de Deus.

O Salmo 51 começa: “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e,

<sup>140</sup> BÍBLIA. 1 João 1.8. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>141</sup> Idem, 1 João 1.9.

<sup>142</sup> Idem, Atos 2.37.

<sup>143</sup> Idem, Atos 2.38.

<sup>144</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 29.

segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões” (v. 1). Aqui, verificamos um elemento fundamental ao arrependimento, o reconhecimento de nossa profunda necessidade de misericórdia. Sproul vai dizer que Davi não pediu a Deus justiça porque ele sabia que, se Deus tivesse de lidar com ele de acordo com a justiça, seria imediatamente destruído. Como resultado, Davi começou sua confissão com um apelo por misericórdia.<sup>145</sup>

No verso 2, vemos que Davi sabe que somente Deus pode nos purificar do nosso pecado. Portanto, ele roga a Deus para que Ele o purifique do seu pecado. Davi estava pedindo a Deus que removesse a mancha de sua alma, que cobrisse sua injustiça e o limpasse do pecado que se tornara uma parte permanente de sua vida.<sup>146</sup> Sinclair Ferguson vai dizer que: Embora as lágrimas de um coração contrito limpem a sujeira de nossa visão e nos capacitem a ver a verdade a respeito de nós mesmos, somente Deus pode purificar nossa consciência da culpa.<sup>147</sup>

Davi prosseguiu: Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.<sup>148</sup> Isto não é simplesmente um reconhecimento casual de culpa, nem uma tentativa de se autojustificar. Davi, pelo poder do Espírito Santo, admitiu sua culpa, reconhecendo que seu pecado era sempre presente. Não podia se livrar dele, e isto o perseguia.<sup>149</sup> E no verso 4 ele demonstra entender que o pecado é, essencialmente, uma ofensa contra Deus quando ele clama: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos.”<sup>150</sup> Nas palavras de Sproul, visto que Deus é o juiz do céu e da terra, todo pecado é definido em referência à transgressão da lei de Deus, sendo uma ofensa contra a sua santidade.<sup>151</sup> E por isso, Davi em seguida praticamente afirma que Deus tinha todo o direito de o julgar e que ele merecia o seu julgamento e a sua ira, na parte b do versículo.

Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.<sup>152</sup> Davi não estava se esquivando da sua culpa ao falar isso, mas ele percebeu que o nosso pecado está entretecido na própria essência do nosso ser. Somos congenitamente e inescapavelmente

---

<sup>145</sup> SPROUL, R. C. *O que é arrependimento?* [livro eletrônico]; Traduzido por Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014, p. 18.

<sup>146</sup> Idem, p. 18.

<sup>147</sup> FERGUSON, Sinclair. *A Graça do Arrependimento*; traduzido por Francisco Wellington Ferreira; 2. ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 36.

<sup>148</sup> BÍBLIA. Salmo 51.3. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>149</sup> SPROUL, 2014, p. 19.

<sup>150</sup> BÍBLIA. Salmo 51.4, 1999.

<sup>151</sup> SPROUL, 2014, p. 19.

<sup>152</sup> BÍBLIA, Salmo 51.5, 1999.



pecaminosos.<sup>153</sup> Ferguson diz que quando compartilhamos deste senso de pecaminosidade e compreendemos a incapacidade de lidar com ele, aprendemos a clamar como Davi para que Deus faça algo novo: Cria em mim, ó Deus, um coração puro.<sup>154</sup>

Ferguson traz uma análise interessante sobre o arrependimento a partir do Salmo 51:

O arrependimento se desenvolve em um reconhecimento do perigo do pecado. Ele nos coloca sob o julgamento de Deus (v.4), em perigo de sermos banidos de sua presença (v.11) e envolve uma exposição da inerente intransigência do pecado (v.5), visto que ele está arraigado em nossa natureza desde o ventre.

A luz disto, o verdadeiro arrependimento envolve inevitavelmente um “espírito quebrantado” (v.17). Isso é diferente, visivelmente diferente, de um espírito altamente emocional. É um espírito em que autossuficiência e autodefesa foram atingidas e destruídas. No entanto, o arrependimento também surge no contexto de esperança e perdão. Davi apelou a bondade do Senhor (v.1); o clamor do penitente é dirigido Àquele que é capaz de salvar e que realmente salva (v.14). A realidade desse arrependimento é evidenciado em uma nova preocupação com santidade. O verdadeiro arrependimento, por ser produzido num contexto de graça, também leva a adoração e a impulsiona: “Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores” (v.15).<sup>155</sup>

## 4.2 A Pregação como Instrumento para o Arrependimento

Qual é a responsabilidade do pregador no arrependimento? O Novo Testamento nos ajuda a responder esta pergunta ensinando que os pregadores têm que, de forma insistente, convidar seus ouvintes ao arrependimento.<sup>156</sup> Podemos citar como exemplo, quando na Grande Comissão Jesus instrui seus discípulos (e por meio deles, a igreja de todos os tempos) a fazer “discípulos de todas as nações” (Mt 28.19).<sup>157</sup> Paulo diz: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Cristo” (2Co 5.20).<sup>158</sup> Em 1 Coríntios 9.22, Paulo diz com determinação: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”.<sup>159</sup> Tiago diz: “aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados” (Tg 5.20).<sup>160</sup>

No entanto, o próprio Jesus disse, segundo João 6.65: “Por causa disto é que vos

<sup>153</sup> FERGUSON, Sinclair. *A Graça do Arrependimento*; traduzido por Francisco Wellington Ferreira; 2. ed. São Paulo: Fiel, 2019, p. 34.

<sup>154</sup> Idem, p. 37.

<sup>155</sup> FERGUSON, 2019, p. 40-41.

<sup>156</sup> HOEKEMA, Anthony A. *Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação*; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 127.

<sup>157</sup> BÍBLIA. Mateus 28.19. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>158</sup> Idem, 2 Coríntios 5.20.

<sup>159</sup> Idem, 1 Coríntios 9.22.

<sup>160</sup> Idem, Tiago 5.20.

tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido”.<sup>161</sup> E Paulo afirma, em 1 Coríntios 3.6: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus”.<sup>162</sup> Não foi Paulo nem Apolo, mas Deus habilitou o povo a se arrepender e crer. Do mesmo modo, em 2Timóteo 2.25-26, Paulo insta com Timóteo para que corrija com gentileza os que se opunham “na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem a verdade, mas também o retorno à sensatez”.<sup>163</sup> Os pecadores têm que se arrepender, é claro, mas para isso é preciso que Deus os capacite.

Temos aqui um paradoxo. O pregador precisa chamar as pessoas ao arrependimento e a conversão, mas só Deus pode dar-lhes poder para que se arrependam. É necessário ter em mente esses dois aspectos da verdade: (1) é dever solene do pregador chamar o povo ao arrependimento; (2) Deus é quem soberanamente concede ao povo o dom do arrependimento, capacitando-o a retornar a ele.<sup>164</sup>

Mark Dever nos faz meditar sobre a necessidade do homem como um encorajamento a evangelização e consequentemente um chamado ao arrependimento:

A necessidade do homem abrange mais do que apenas o seu estado eterno; também envolve sua escravidão ao pecado. Essa criatura, feita à imagem de Deus, não deve passar a vida em rebelião, como se houvesse para a sua alma um governo melhor do que o governo de Deus. Pelo contrário, o homem deve viver em comunhão com Deus, ser sujeito a ele e adotado como filho de Deus. Como alguém pode arrepender-se de seus pecados e crer em Cristo? Somente se um cristão compartilhar o evangelho com ele.<sup>165</sup>

### 4.3 Os Sacramentos como Aparatos do Arrependimento

Os sacramentos são ordenanças do nosso Senhor Jesus Cristo a todos os seus discípulos, sendo somente dois, são eles: o sacramento do batismo e da santa ceia. A Confissão Belga no seu artigo 33 traz as seguintes palavras sobre eles:

Cremos que o nosso Deus gracioso, atento à nossa insensibilidade e fraqueza, ordenou os sacramentos para selar em nós as suas promessas, para servirem como penhor da sua boa-vontade e graça para conosco, e para alimentarem e sustentarem a nossa fé. Ele os acrescentou à Palavra do evangelho para apresentar melhor diante dos nossos sentidos externos aquilo que ele nos declara em sua Palavra e o que faz interiormente em nosso coração; assim, ele nos confirma a salvação concedida. Os sacramentos são os sinais e os selos visíveis de algo interior e invisível, por meio dos quais Deus opera em nós pelo poder do Espírito Santo. Por isso, esses sinais não são vãos nem vazios

<sup>161</sup> BÍBLIA. João 6.65. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>162</sup> Idem, 1 Coríntios 3.6.

<sup>163</sup> Idem, 2 Timóteo 2.25-26.

<sup>164</sup> HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 128.

<sup>165</sup> PINK, A. W. Arrependimento [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024, p. 29.

de modo a nos enganar, porque Jesus Cristo é a verdade deles; sem Cristo, não seriam nada.<sup>166</sup>

### 4.3.1 O Batismo

O batismo é um dos dois sacramentos instituídos pelo Senhor Jesus, sendo este ordenado em Mateus 28:19, que diz: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”<sup>167</sup> Ele é um sinal e selo da aliança da graça — visível, mas espiritualmente eficaz, não por si mesmo, mas por estar unido à Palavra e recebido com fé. Segundo João Calvino, “O batismo é um documento visível com o qual Deus nos testifica o perdão dos pecados e a regeneração.”<sup>168</sup> Testificando também, então, o arrependimento genuíno dos nossos pecados, porque só uma pessoa que foi regenerada por Deus, passa a ter consciência dos seus pecados, da necessidade do perdão e do consequente arrependimento deles.

O batismo deve ser compreendido a partir da aliança redentora de Deus com seu povo. Quando visto sob essa perspectiva, segundo SOUZA, ele deixa de ser um símbolo opcional ou meramente individual, e passa a ser:

uma declaração divina de que pertencemos ao pacto eterno; um meio de graça que comunica a verdade do evangelho; uma marca da identidade eclesial, que nos insere na igreja visível; um chamado à santidade, pois quem foi lavado espiritualmente é convocado a viver de forma santa; um sinal comunitário, aplicado tanto a crentes quanto a seus filhos, como ocorria com a circuncisão no Antigo Testamento.<sup>169</sup>

Sendo um chamado a santidade, o crente que recebe o sacramento do batismo está reafirmando o compromisso dele com Deus de viver de forma santa, longe do pecado. Entretanto, caso ele venha a desobedecer a lei de Deus, aquele que foi lavado espiritualmente pelo sangue de Cristo não se contentará com a sujeira do pecado cometido e se arrependerá, buscando o perdão do Senhor Jesus, pois, como o artigo 34 da Confissão Belga diz:

assim como a água, derramada em nós, lava completamente a sujeira do corpo, e assim como a água é vista no corpo do batizado quando derramada nele, o sangue de Cristo, pelo Espírito Santo, faz a mesma coisa no interior da alma. Ele lava e limpa a nossa alma do pecado e nos regenera de filhos da ira para filhos de Deus. Isso não é produzido pela água em si mesma, mas pelo aspergir do precioso sangue do Filho de

<sup>166</sup> CONFISSÃO BELGA. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 45.

<sup>167</sup> BÍBLIA. Mateus 28.19. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>168</sup> CALVINO, João. Institutas, IV.XV.1 *Apud* SOUZA, Levi Tomaz de. O Selo da Nova Aliança: Uma defesa Bíblica e Reformada do Batismo Cristão [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Levi Tomaz de Souza, 2025, p. 11.

<sup>169</sup> SOUZA, Levi Tomaz de. O Selo da Nova Aliança: Uma defesa Bíblica e Reformada do Batismo Cristão [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Levi Tomaz de Souza, 2025, p. 7.

Deus, que é o nosso Mar Vermelho, que precisamos atravessar para escapar da tirania de Faraó, ou seja, do diabo, para entrarmos na Canaã espiritual.<sup>170</sup>

A água na Bíblia é símbolo recorrente de limpeza, não apenas física, mas espiritual. No Antigo Testamento, Deus promete por meio de Ezequiel: “Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei.”<sup>171</sup> (Ezequiel 36:25). No Novo Testamento, essa promessa é cumprida pelo Espírito, como escreve Paulo a Tito: “Ele nos salvou não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia. Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo.”<sup>172</sup> (Tito 3:5). Aqui está o coração do batismo: ele aponta para a purificação real operada por Deus. O ato externo com água visível é sinal da ação invisível do Espírito, que purifica o coração.<sup>173</sup>

A pergunta 70 do Catecismo de Heidelberg faz a seguinte pergunta: “Que significa ser lavado com o sangue e o Espírito de Cristo?”. A resposta que obtemos é a seguinte:

Ser lavado com o sangue de Cristo significa receber de Deus o perdão de pecados, por meio da graça, por causa do sangue de Cristo derramado por nós em seu sacrifício na cruz.

Ser lavado com o seu Espírito significa ser renovado pelo Espírito Santo e santificado para sermos membros de Cristo, para que morramos mais e mais para o pecado e vivamos uma vida santa e irrepreensível.<sup>174</sup>

Devemos seguir então aquilo que Paulo diz em Colossenses 3, fazendo morrer diariamente a nossa natureza terrena, pois nos despimos do velho homem com os seus feitos e nos revestimos do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.<sup>175</sup>

### 4.3.2 A Santa Ceia

No Novo Testamento encontramos quatro relatos distintos da instituição da Ceia do Senhor. Mateus, Marcos, Lucas e Paulo descrevem esse acontecimento memorável. Todos

<sup>170</sup> CONFISSÃO BELGA. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 46.

<sup>171</sup> BÍBLIA. Ezequiel 36.25. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>172</sup> Idem, Tito 3.5.

<sup>173</sup> SOUZA, Levi Tomaz de. O Selo da Nova Aliança: Uma defesa Bíblica e Reformada do Batismo Cristão [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Levi Tomaz de Souza, 2025, p. 12.

<sup>174</sup> CATECISMO DE HEIDELBERG. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 84.

<sup>175</sup> BÍBLIA. Colossenses 3.1, 9-10. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

concordam ao nos contar o que nosso Senhor fez naquela ocasião. Apenas dois, no entanto, registram a razão que Cristo deu para que os discípulos comessem o pão e bebessem o cálice. Lucas e Paulo registram as notáveis palavras: “Fazei isto em memória de mim”<sup>176</sup> (Lucas 22.19). Paulo ainda acrescenta, sob inspiração: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha”<sup>177</sup> (1 Coríntios 11.26). O artigo 35 da Confissão Belga vai dizer que o nosso Salvador Jesus Cristo instituiu o sacramento da santa ceia para nutrir e sustentar aos que ele já regenerou e incorporou à sua família, que é a sua igreja.<sup>178</sup>

O pão, que na Ceia do Senhor é partido, oferecido e comido, serve para nos lembrar do corpo de Cristo entregue na cruz por nossos pecados. O vinho, que é derramado e recebido, serve para nos lembrar do sangue de Cristo derramado na cruz por nossos pecados. Aquele que participa da Ceia do Senhor, comendo do pão e bebendo do vinho é lembrado, da maneira mais clara e impactante, dos benefícios que Cristo conquistou para a sua alma e da morte de Cristo como o ponto central e decisivo de onde todos esses benefícios procedem.<sup>179</sup> Matthew Henry vai afirmar que lembramos eficazmente de Cristo quando experimentamos sua morte matando o pecado em nós, mortificando a carne, afastando-nos desta vida presente e enfraquecendo hábitos e disposições pecaminosas em nós.<sup>180</sup>

Mas, o que significa comer o corpo crucificado de Cristo e beber o seu sangue derramado? É exatamente essa pergunta que encontramos no Catecismo de Heidelberg, a pergunta 76, e que ele nos responde da seguinte maneira: Primeiro, aceitar de todo coração todo o sofrimento e morte de Cristo, e assim receber o perdão dos pecados e a vida eterna. Segundo, ser unido cada vez mais ao santo corpo de Cristo pelo Espírito Santo, que vive tanto nele quanto em nós.<sup>181</sup>

Quem deve vir a mesa do Senhor? O Catecismo de Heidelberg responde essa pergunta da seguinte maneira:

Aqueles que, verdadeiramente, estão descontentes consigo mesmos por causa dos seus pecados e que, mesmo assim, confiam que eles lhes foram perdoados, e que o mal que ainda resta neles está coberto pelo sofrimento e morte de Cristo, e que também

<sup>176</sup> BÍBLIA. Lucas 22.19. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>177</sup> Idem, 1 Coríntios 11.26.

<sup>178</sup> CONFISSÃO BELGA. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 47-48.

<sup>179</sup> RYLE, J. C. A Mesa do Senhor [livro eletrônico]; Traduzido por Saulo de Tarso. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025, p. 7.

<sup>180</sup> HENRY, M. A Ceia do Senhor [livro eletrônico]; Traduzido por Fabrício Guimarães. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025, p. 22.

<sup>181</sup> CATECISMO DE HEIDELBERG. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 87.

desejam, cada vez mais, fortalecer a sua fé e corrigir a sua vida.<sup>182</sup>

J. C. Ryle, tem o seguinte entendimento sobre isso:

“Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice” (1 Coríntios 11:28). Discernir “o corpo do Senhor” — ou seja, compreender o que o pão e o vinho representam, por que foram instituídos e qual é a razão de se lembrar da morte de Cristo — é uma qualificação essencial para o verdadeiro participante (1 Coríntios 11:29). Deus ordena que todos os homens, em todos os lugares, se arrependam e creiam no evangelho (Atos 17:30); mas não ordena, da mesma forma, que todos venham à Ceia. Não! Esta é uma ordenança que não deve ser tomada de forma impensada, leviana ou descuidada! É algo solene e deve ser usado de maneira igualmente solene.<sup>183</sup>

A pergunta de número 171 do Catecismo Maior de Westminster nos ajuda a responder quem deve vir a mesa do Senhor, com o seguinte questionamento: “Os que recebem o sacramento da Ceia do Senhor, como devem preparar-se para o receber?”. A resposta a essa pergunta é a seguinte:

Os que recebem o sacramento da Ceia do Senhor devem preparar-se para o receber, examinando-se a si mesmos, se estão em Cristo, a respeito de seus pecados e necessidades, da verdade e medida de seu conhecimento, fé, arrependimento e amor para com Deus e para com os irmãos; da caridade para com todos os homens, perdoadando aos que lhes têm feito mal; de seus desejos de ter Cristo e de sua nova obediência, renovando o exercício destas graças pela meditação séria e pela oração fervorosa.<sup>184</sup>

Em suma, um participante digno é aquele que possui três marcas simples e bíblicas: arrependimento, fé e amor. Um homem verdadeiramente se arrepende do pecado e o odeia? Ele confia em Jesus Cristo como sua única esperança de salvação? Ele vive em caridade para com os outros? Aquele que pode dizer com sinceridade “sim” a essas perguntas está qualificado segundo as Escrituras para a Ceia do Senhor.<sup>185</sup>

Segundo Ryle, os benefícios que um crente pode esperar da Ceia do Senhor são os seguintes:

Visões mais claras de Cristo e de sua obra expiatória; visões mais nítidas de todos os ofícios que Cristo exerce como nosso Mediador e Advogado; percepções mais profundas da redenção completa que Cristo nos obteve por sua morte vicária na cruz; convicção mais intensa de nossa aceitação plena e perfeita diante de Deus em Cristo; novos motivos para profundo arrependimento pelos pecados; novos impulsos para uma fé viva — estes estão entre os principais frutos que um crente pode esperar colher ao participar dignamente da Ceia. Aquele que come o pão e bebe o vinho com o espírito correto será conduzido a uma comunhão mais estreita com Cristo, e sentirá

<sup>182</sup> CATECISMO DE HEIDELBERG. In: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. Recife: CLIRE, 2023. p. 90.

<sup>183</sup> RYLE, J. C. A Mesa do Senhor [livro eletrônico]; Traduzido por Saulo de Tarso. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025, p. 11.

<sup>184</sup> CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. In: Símbolos de fé de Westminster: A Confissão de fé, O catecismo maior, O breve catecismo. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2023, p. 196-197.

<sup>185</sup> RYLE, 2025, p. 14.

que O conhece melhor e O compreende mais profundamente.<sup>186</sup>

Sendo assim, a Ceia do Senhor nos torna visível o sacrifício de Cristo na cruz por cada cristão e nos lembra a imensidão de nossa dívida de gratidão ao Senhor e o quanto estamos obrigados a viver por Aquele que morreu pelos nossos pecados. Cada vez que o crente se aproxima da Mesa, é lembrado de quão séria é a vida cristã e da obrigação que pesa sobre ele de viver de modo santo. Sendo comprado por tão alto preço, devemos glorificar a Cristo no corpo e no espírito, como diz o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 6.20. O homem que participa da Ceia com regularidade e entendimento acha cada vez mais difícil ceder ao pecado e conformar-se ao mundo, mas caso ele ceda, tão logo demonstrará arrependimento, pois seu fim principal é glorificar a Cristo.

#### **4.4 O Aconselhamento Bíblico como Dispositivo para o Arrependimento**

Segundo o site Conselho Bíblico (online), entende-se por aconselhamento bíblico como o aspecto da dinâmica ministerial em que o corpo de Cristo, capacitado pelo Espírito Santo e fundamentado na Palavra de Deus corretamente interpretada e aplicada a situações específicas, ministra à vida de irmãos visando cooperar com o plano de Deus de que cada um seja conformado progressivamente à imagem de Cristo.<sup>187</sup>

O autor da carta aos Hebreus nos traz a relevância de nós, como Igreja de Cristo, aconselharmos os nossos irmãos, dizendo: “pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.”<sup>188</sup> Então, o objetivo de aconselharmos uns aos outros é fazer com que o nosso irmão tenha consciência do seu pecado, contra quem ele pecou, no caso contra Deus, e trazê-lo ao arrependimento antes que o engano do pecado o convença de que ele não está pecando e, portanto, não necessita do perdão de Deus.

O aconselhamento bíblico vai exigir de nós, muitas vezes, uma confrontação do nosso irmão. Esta confrontação está arraigada numa submissão ao primeiro grande mandamento, que nos chama a “Amar ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a

<sup>186</sup> RYLE, J. C. A Mesa do Senhor [livro eletrônico]; Traduzido por Saulo de Tarso. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025, p. 19.

<sup>187</sup> CONSELHO BÍBLICO. Aconselhamento bíblico. Disponível em: <<https://conselhobiblico.com/16283-2/aconselhamento-biblico-2/>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

<sup>188</sup> BÍBLIA, Hebreus 3.13. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

tua alma, e de todo o teu entendimento” (Mt 22.37).<sup>189</sup> Deus deseja que a confrontação seja uma forma de nossa submissão a Ele em nossos relacionamentos com outras pessoas.

Segundo Paul David Tripp:

Nós confrontamos de maneira não bíblica (ou não confrontamos) porque amamos alguma coisa mais que a Deus. Talvez amemos tanto nosso relacionamento com essa pessoa que não queremos correr riscos. Talvez prefiramos evitar o sacrifício pessoal e as complicações que a confrontação pode envolver. Talvez amemos a paz, o respeito e a apreciação mais do que deveríamos. Se amamos a Deus acima de tudo, a confrontação é uma extensão e uma expressão desse amor.<sup>190</sup>

Essa confrontação também está enraizada no segundo grande mandamento, que nos chama a amar ao próximo como a nós mesmos (Mt 22.39).<sup>191</sup> O amor verdadeiro não é ofensivamente invasivo ou rude, mas as Escrituras Sagradas repudiam cobrirmos o pecado com o nosso silêncio. Ela ensina que aquele que ama, fala, mesmo que isso possa criar momentos de tensão e transtorno. O amor verdadeiro não é ocioso nem tímido. Ele é ativo e centrado na outra pessoa.<sup>192</sup>

Porém, não é necessário termos sempre um grande momento de confrontação, mas podemos ter pequenos momentos de confrontação. Segundo Tripp, o modelo bíblico reconhece que ao vivermos e trabalharmos com outras pessoas, os corações serão expostos progressivamente. Isso nos chama a lidar com qualquer coisa que Deus revelar e à medida que Ele revelar. Em cada pequeno momento de falar a verdade, o progresso do pecado é atrasado e o crescimento espiritual é encorajado.<sup>193</sup>

O aconselhamento bíblico não força a pessoa que está sendo aconselhada a lidar com o nosso julgamento, mas a coloca diante do Senhor. Sobre isso, Tripp faz a seguinte colocação:

A repreensão não força a pessoa a encarar o seu julgamento; dá a ela a oportunidade de acertar-se com Deus. É motivada pelo desejo de que a pessoa receba a graça da convicção, confissão, perdão e arrependimento – para experimentar a graça que nós também recebemos. A confrontação não impõe a legalidade; ela ministra a graça de Cristo que restringe, perdoa e restaura alguém que se afastou. Não é motivada pelo castigo, mas pela esperança de que o Senhor libertará esta pessoa da prisão de seu pecado para conhecer a liberdade de andar em comunhão com Ele.<sup>194</sup>

<sup>189</sup> BÍBLIA. Mateus 22.37. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>190</sup> TRIPP, Paul David. Instrumentos nas Mãos do Redentor: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação; traduzido por Eloisa Pasquini; 2. ed. São Paulo: NUTRA Publicações, 2020, p. 271.

<sup>191</sup> BÍBLIA. Mateus 22.39. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>192</sup> TRIPP, 2020, p. 273.

<sup>193</sup> Idem, p. 274.

<sup>194</sup> Idem, p. 281.



O pecado tem o poder de cegar os nossos corações. Estas cegueiras podem ser ocasionais ou podemos ficar completamente na escuridão espiritual, mas enquanto o pecado que habita em nós existir, precisamos uns dos outros para nos ajudar a nos enxergar com clareza.<sup>195</sup> De acordo com Tripp, precisamos buscar dois alvos ao aconselharmos alguém biblicamente. O primeiro alvo é ser usado como um dos instrumentos de visão de Deus na vida de outras pessoas. Não é uma tentativa de promover nossa opinião, mas ajudar as pessoas a enxergarem a si mesmas no espelho da Palavra de Deus. O segundo é ser alvo é ser usado por Deus como um agente de arrependimento. Nosso alvo é não pressionar as pessoas a mudanças de comportamento, mas encorajar a mudança de coração que causa impacto na vida.<sup>196</sup>

Paul David Tripp faz um comentário relevante sobre a importância do aconselhamento bíblico:

Procuramos abrir os olhos das pessoas para a glória completa da graça de Cristo quando veem a gravidade de seu pecado. O evangelho é o que transforma idólatras em adoradores de Deus; o farisaico em humilde e disposto a ouvir. O evangelho dá coragem prática ao temeroso e desanimado, e ajuda o fraco a viver com confiança e perseverança. O evangelho muda as vítimas em auxiliares e os ensimesmados em pessoas que amam servir. A confrontação bíblica verdadeira confronta as pessoas com muito mais que seus pecados e fracassos. Ela confronta as pessoas com Cristo. Ela é verdadeiramente “o Caminho, a Verdade e a Vida”! A esperança de mudança está sempre em Cristo.<sup>197</sup>

#### 4.5 A Disciplina Eclesiástica como Conservadora do Arrependimento

A disciplina eclesiástica tem sido uma questão, infelizmente, relegada em muitas igrejas, basicamente, por entenderem que a disciplina aplicada sobre o membro de uma igreja possa fazer com que ele saia da igreja e se afaste de Deus definitivamente. Porém, o que a Palavra de Deus nos diz é que o que nos afasta de Deus é o pecado, como em Isaías 59.2: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus.”<sup>198</sup> Portanto, não tratar o irmão que está em falta, exortando-o e corrigindo-o, é muito mais prejudicial para ele e até para a própria igreja em si, como discutiremos posteriormente, do que não confrontar o pecado do irmão.

Kimble define a disciplina eclesiástica como a autoridade da igreja outorgada por

<sup>195</sup> TRIPP, Paul David. Instrumentos nas Mãos do Redentor: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação; traduzido por Eloisa Pasquini; 2. ed. São Paulo: NUTRA Publicações, 2020, p. 285.

<sup>196</sup> Idem, p. 285

<sup>197</sup> Idem, p. 293.

<sup>198</sup> BÍBLIA. Isaías 59.2. In: BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Jesus Cristo, para manter a ordem por meio da correção dos membros que persistem na vida em pecado, para a pureza da igreja e para a glória de Deus.<sup>199</sup> Harvey, também, entende que a disciplina é um conjunto de processos em que a igreja é responsável por: cuidar das almas, educar seus membros, instruí-los de forma pública e privada, mas que, em seu sentido mais restrito, indica uma ação corretiva da igreja contra aqueles que vivem na prática do pecado, mantendo a honra do nome de Cristo e o bem-estar da igreja.<sup>200</sup>

Entretanto, Packer comenta que a disciplina na igreja não pode ser entendida como punição apenas pelo punir. O pecado jamais deve ficar impune, entretanto, deve-se lembrar sempre que um dos propósitos da disciplina é o de conduzir o faltoso ao arrependimento e recuperar a ovelha perdida.<sup>201</sup> E Frame vai colocar três propósitos para a disciplina eclesiástica:

O primeiro propósito é restaurar o ofensor dos seus pecados, conduzindo-o ao arrependimento. Isso não pode ser confundido com crueldade, pelo contrário, isto é manifestação de amor. O segundo propósito apresentado por Frame é o de impedir a propagação do pecado e instruir a congregação. Observa-se, portanto, que a disciplina eclesiástica também é educativa, pois serve como exemplo, a fim de que outros não sejam induzidos pelo mesmo erro. Em terceiro lugar, Frame diz que a disciplina cumpre o propósito de proteger a igreja e a honra de Cristo. Quando uma igreja não trata seriamente o pecado, ela perde o seu prestígio ante o mundo e, conseqüentemente, isso recai sobre a honra de Cristo, a saber, o cabeça da Igreja.<sup>202</sup>

Para Leeman, na passagem de 1Coríntios 5.1-5<sup>203</sup>, deve-se observar alguns princípios importantes quanto ao exercício da disciplina eclesiástica:

1) expor o pecado que age como um câncer – para que seja retirado o mais breve possível; 2) advertir – pois o julgamento exercido pela igreja aponta para um julgamento escatológico, portanto é uma advertência de amor; 3) salvar – este é o último recurso que a igreja tem para levar o pecador contumaz ao arrependimento, a fim de que ele seja salvo.<sup>204</sup>

<sup>199</sup> ROCHA, Fábio Lemos. *Disciplina Eclesiástica: Fundamentos bíblicos e históricos da disciplina eclesiástica* [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Tssantana, 2022, p. 11. *Apud* KIMBLE, Jeremy M. 40 Questions about Church Membership and Discipline (Locais Kindle 536 de 5400), 40 Questions & Answers Series, Kregel Academic. Edição do Kindle.

<sup>200</sup> Idem, p. 11. *Apud* HARVEY, Ezequias. et al. *Disciplina Eclesiástica*. (Locais do Kindle 137-1168) Porta-voz da Graça No. 16, Edição em Espanhol, Biblioteca da Capela. Edição do Kindle.

<sup>201</sup> Idem, p. 12. *Apud* PACKER, J.I. *Teologia Concisa*. p. 205.

<sup>202</sup> ROCHA, 2022, p. 13. *Apud* FRAME, Jhon. *Teologia Sistemática*. p. 379.

<sup>203</sup> BÍBLIA. 1 Coríntios 5.1-5, 1999. 1. Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. 2. E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? 3. Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, 4. em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, 5. entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor [Jesus].

<sup>204</sup> ROCHA, 2022, p. 11. *Apud* LEEMAN, Jonathan. *Entendendo a disciplina na igreja*. (Locais do Kindle 399-1778).

É importante refletirmos sobre a necessidade da disciplina, tendo em vista que se a igreja abandonar o fiel exercício da disciplina e aceitar que o pecado se multiplique em seu meio, tornando-se passiva diante dos pecadores obstinados, inevitavelmente estará se entregando à destruição. Negar a necessidade da disciplina é como negar a necessidade de se tratar de uma doença já diagnosticada pelo médico. A igreja, portanto, que se nega a exercer a disciplina está se opondo à uma ordem do próprio Deus, permitindo que o pecado, assim como uma enfermidade que tem tratamento, destrua o corpo.<sup>205</sup>

A disciplina na igreja corre sérios riscos de desaparecer. Santos, que sustenta esse argumento, ressalta que há pelo menos três razões pelas quais a disciplina encontra resistência em nossos dias: 1) a mentalidade pós-moderna no meio da igreja, com o individualismo, subjetivismo e o relativismo; 2) o medo da impopularidade, que faz com que muitos líderes fechem os olhos para o pecado; 3) a compreensão errônea de que a disciplina causa mais males do que bem.<sup>206</sup>

Segundo Devey:

O resultado da perda da disciplina é a perda do padrão bíblico para a igreja e o iminente colapso do cristianismo na presente geração. A igreja hoje sofre de uma infecção e tem permitido que ela corrompa o corpo... assim como uma infecção enfraquece o corpo ao destruir seu sistema imunológico, a igreja tem sido enfraquecida... ela perdeu o poder e a eficácia para servir como veículo de mudança social, moral e espiritual. Essa enfermidade se deve, pelo menos em parte, à negligência da disciplina eclesiástica.<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> ROCHA, 2022, p. 58. *Apud* LEEMAN, Jonathan. Entendendo a disciplina na igreja. (Locais do Kindle 399-1778).

<sup>206</sup> ROCHA, 2022, p. 60. *Apud* SANTOS, Valdeci da Silva. Disciplina na Igreja. In: Fides Reformata. Disponível em: < <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata/> >

<sup>207</sup> ROCHA, 2022, p. 11. *Apud* LEEMAN, Jonathan. Entendendo a disciplina na igreja. (Locais do Kindle 399-1778).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo principal explicar sobre a doutrina do arrependimento dentro da perspectiva da teologia reformada. A partir desse ponto podemos perceber que o arrependimento não se resume apenas ao ato de levantarmos as mãos e nos dirigirmos até a frente da igreja manifestando que “aceitamos a Jesus como nosso salvador”, é muito mais que isso. O arrependimento concedido pelo Senhor gera em nós uma rejeição pelo nosso pecado, que nos faz parar de seguir em direção contrária a Deus e nos voltarmos para Ele e modifica a nossa mente, o nosso coração e a nossa vida, em que aquilo que nós fazíamos de contrário a vontade de Deus, nós procuramos não fazer mais.

Por meio da metodologia da pesquisa bibliográfica, em que, a coleta do material se deu através da revisão bibliográfica com a inserção do problema proposto dentro do quadro de referência teórica a partir de obras publicadas, impressas ou online, com reconhecimento no meio acadêmico, foram destacados elementos fundamentais da doutrina do arrependimento dentro da perspectiva bíblico-reformada. No primeiro capítulo, oferecemos um panorama histórico de como o pensamento teológico sobre a doutrina do arrependimento foi se diversificando ao longo do tempo e como foi e é necessário sabermos como se dá o arrependimento bíblico para que não nos iludamos com esse falso evangelho cheio de conveniências que vem sendo pregado em muitas igrejas. Exploramos as contribuições teológicas dos pais da igreja, como Cipriano de Cartago e Agostinho de Hipona, o retorno às Escrituras no âmbito do arrependimento por parte dos reformadores protestantes, como Lutero e Calvino, e as perspectivas sobre o assunto dos teólogos puritanos John Owen e Thomas Watson.

No segundo capítulo, exploramos os aspectos bíblico-reformados da doutrina do arrependimento. Destacamos, com base em uma boa teologia bíblica e sistemática, o arrependimento e seu significado, trazendo um estudo do uso da palavra tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, em que, em ambos os casos, ela é utilizada para expressar uma mudança na forma de pensar, de agir, de vida numa forma geral e indica um retorno para Deus. Observamos também alguns conceitos de arrependimento trazidos por alguns teólogos que, de maneira geral, afirmam que o arrependimento é uma obra realizada pelo Espírito Santo no coração do homem regenerado por Deus, que nos faz sentir um horror e um ódio genuíno pelo pecado, a ponto de abandonarmos de maneira consciente o pecado e realizarmos uma reversão radical a ele e nos voltarmos para Deus.

Assim como, podemos verificar que o homem só se torna apto ao arrependimento depois da sua regeneração, obra realizada, por sua vez, pelo Espírito Santo que conduz as pessoas a uma viva união com Cristo, trazendo vida aqueles que estão espiritualmente mortos, tornando o homem capaz de se arrepender do pecado, crer nas Escrituras Sagradas e servir ao Senhor. A pessoa regenerada, de forma consciente, é convertida pelo Senhor, voltando-se para Ele em arrependimento e fé, envolvendo um duplo desvio: para longe do pecado e na direção do serviço de Deus. A fé e o arrependimento sempre andam lado a lado. Se uma pessoa tem fé, mas não arrependimento, essa pessoa não tem fé autêntica. É uma fé que apenas a convenceu de que ela precisa de Cristo para ser salva, mas não a uma conversão a Ele. Dessa forma, o processo de santificação passa pelo arrependimento dos nossos pecados pois aquele que realmente se arrependeu busca viver de forma a agradar a Deus e abandonar o pecado para sempre.

No terceiro capítulo, procuramos apresentar práticas pastorais que auxiliassem a igreja a entender e a desenvolver práticas que a fizessem reconhecer seus pecados e buscar em Deus seu perdão e graça através do arrependimento. Demonstramos como a oração pode nos motivar ao arrependimento, pois é através dela que confessamos os nossos pecados a Cristo. A pregação é um instrumento para o arrependimento porque é um dever solene do pregador chamar o povo ao arrependimento, tendo a consciência de que é Deus quem concede ao povo o dom do arrependimento. Assim como, os sacramentos servem como dispositivos para o arrependimento. O batismo testificando que fomos regenerados, perdoados por Deus e que não iremos nos contentar com a sujeira do pecado pois firmamos um compromisso verdadeiro com Ele. E aqueles que compreendem o que a Santa Ceia representa e desejam receber este sacramento, devem examinar a si mesmos antes de recebê-lo e confessar os seus pecados a Deus em genuíno arrependimento, rogando o seu perdão.

Enfatizamos também a importância do uso do aconselhamento bíblico para que através dele possamos ajudar o nosso irmão a ter consciência do pecado que ele cometeu contra Deus, sendo instrumentos do Senhor para trazê-lo ao arrependimento para que ele não sofra ainda mais com as consequências do seu pecado. E, por último, demonstramos como a disciplina eclesiástica atua como instrumento na condução do faltoso ao arrependimento e na sua restauração espiritual.

Em resumo, a doutrina do arrependimento nos ajuda a compreender que se não nos arrependemos dos nossos pecados, não podemos esperar o perdão de Deus e muito menos que somos salvos em Cristo, porque aquele que foi regenerado por Deus e experimentou uma verdadeira conversão, responde com arrependimento e fé na pessoa do Senhor Jesus

Cristo. A falta desse entendimento pode trazer prejuízo a igreja do Senhor porque pessoas não convertidas a Ele podem se tornar futuros líderes eclesiais não possuindo uma fé verdadeira em Cristo, porque sua conversão não foi autenticada pelo arrependimento. Espero que esta pesquisa contribua para compreendermos o quanto relevante é essa doutrina para que tenhamos igrejas saudáveis em nossos dias.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. **Manual sobre a fé, a esperança e a caridade**. Traduzido por: E. L. de Souza Campos. Niterói: Teodoro Editor, 2018.
- BÍBLIA. In: **Bíblia de Estudo de Genebra**. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã: volume 3**. Edição clássica (latim). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. PDF digital. Disponível em: [arquivo pessoal]. Acesso em: 24 maio 2025.
- CAMPENHAUSEN, Hans von. **Os Pais da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. In: **Símbolos de fé de Westminster: A Confissão de fé, O catecismo maior, O breve catecismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2023, p. 196-197.
- CATECISMO DE HEIDELBERG. In: **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort**. Recife: CLIRE, 2023.
- CIPRIANO, São. **Obras Completas I**. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONFISSÃO BELGA. In: **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort**. Recife: CLIRE, 2023.
- CONSELHO BÍBLICO. **Aconselhamento bíblico**. Disponível em: <<https://conselhobiblico.com/16283-2/aconselhamento-biblico-2/>>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- FERGUSON, Sinclair. **A Graça do Arrependimento**; traduzido por Francisco Wellington Ferreira; 2. ed. São Paulo: Fiel, 2019.
- FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na História: Das Origens aos Dias Atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- HENRY, M. **A Ceia do Senhor** [livro eletrônico]; traduzido por Fabrício Guimarães. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025.
- HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça: A Doutrina Bíblica da Salvação**; traduzido por Wadislau Gomes; 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LOPES, Jónatas Rafael. **Quem foram os puritanos?** Voltemos ao Evangelho, 2021. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2021/01/quem-foram-os-puritanos/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

MACARTHUR, John. **O Evangelho segundo Jesus** [livro eletrônico]. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

MARCOS, Armando. **Hoje na História da Igreja: John Owen, teólogo puritano inglês, falecia aos 63 anos, em 1683**. Projeto Castelo Forte, 2022. Disponível em: <https://projetocasteloforte.com.br/hoje-na-historia-da-igreja-john-owen-teologo-puritano-ingles-falecia-aos-63-anos/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. 12. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

OWEN, John. **A mortificação do pecado: Um clássico do século XVII – Introdução de J.I. Packer**; Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2005.

PINK, A. W. **Arrependimento** [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024.

PINK, A. W. **O Dia do Arrependimento** [livro eletrônico]; Traduzido por Victoria Neves. RJ: Eternus, 2023.

ROCHA, Fábio Lemos. **Disciplina Eclesiástica: Fundamentos bíblicos e históricos da disciplina eclesiástica** [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Tssantana, 2022, p. 11.

RYLE, J. C. **A Mesa do Senhor** [livro eletrônico]; Traduzido por Saulo de Tarso. 1 ed. GO: Editora Gratia, 2025.

SÂMARA, Rafael. **Quem foi Cipriano de Cartago?** Ultimato, 2017. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/quem-foi-cipriano-de-cartago/Miss%E3o>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SANTOS, Gilson. **Thomas Watson**. Ministério Fiel, 2002. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/thomas-watson/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SOUZA, Levi Tomaz de. **O Selo da Nova Aliança: Uma defesa Bíblica e Reformada do Batismo Cristão** [livro eletrônico]; São Paulo, SP: Editora Levi Tomaz de Souza, 2025.

SPROUL, R. C. **O que é arrependimento?** [livro eletrônico]; Traduzido por Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

TRIPP, Paul David. **Instrumentos nas Mãos do Redentor: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação**; traduzido por Eloisa Pasquini; 2. ed. São Paulo: NUTRA Publicações, 2020.

ZYLBERKAN, Mariana. **Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032**. Veja, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032>. Acesso em: 12 ago. 2025.

WATSON, Thomas. **O dever de negar a si mesmo** [livro eletrônico]; Traduzido por William Teixeira. Francisco Morato, SP: Editora O Estandarte de Cristo, 2024.



WEBER, Bertholdo et al. **Martinho Lutero, Obras Seleccionadas 1517 - 1519**. Rio Grande do Sul: Sinodal, 1987.